

Abril - 1941

P 7023

RENOVAÇÃO

ÓRGÃO DE AÇÃO EDUCACIONAL
PROLETÁRIADireção de
EDGAR FERNANDES e VICENTE
DO REGO MONTEIRORedação:
Rua do Bom Jesus, N.º 207 - 2.º
Recife - PernambucoNÚMERO AVULSO 1\$000
NÚMERO ATRAZADO 2\$000

Assinatura para 24 números

NA CAPITAL 30\$000
NO INTERIOR DO PAÍS 35\$000

As assinaturas são pagas adiantadamente.

Os originais literários enviados à
RENOVAÇÃO não serão devolvidos
ainda que não publicadosSÃO NOSSOS CORRES-
PONDENTES:ADEMAR VIDAL — Rua das
Trincheiras, 554. Paraíba.JOSÉ VIEIRA COELHO —
Rua D. Gerardo, 52. Rio
de Janeiro.MÁRIO SOUTO MAYOR —
Bom Jardim. Pernambuco.DALMO BELFORT DE MA-
TOS — Rua Desembargador
Vale, 453. São Paulo.LÉDO IVO — Rua Nova, 77.
Maceió. Alagoas.LUIS DA CÂMARA CASCUDO
— Rua da Conceição, 564.
Natal. R. Grande do Norte.ALUIZIO MEDEIROS — Rua
Dr. José Lourenço, 1307,
Aldeota. Fortaleza. Ceará.IGNACIO-LASSO— Cassila de
Correos, 163. Plaza España.
Quito. Equador.FRANCISQUEZ GUZMAN —
Sabana del Blanco "Quinta
Josefina". Caracas. Vene-
zuela.

"Em homenagem ao primeiro Congresso de Poesia do Recife", chega-nos de Fortaleza uma cópia datilografada do "Triângulo de Poesia" de Antonio Girão Barroso, Aluizio Medeiros e Otacilio Colares. Ao mesmo tempo o número de Agosto da "Revista Contemporânea", cuja visita registamos nestas próprias páginas de "RENOVAÇÃO", anuncia-nos para breve a publicação dessa "plaquette" dos três jovens poetas cearenses.

Cada um deles exhibe uma maneira e uma sensibilidade próprias. Mas sempre uma sensibilidade legitimamente poética, quer dizer universal: o sangue que corre nesses poemas é o mesmo sangue que faz palpar a misteriosa poesia do mundo.

Antonio Girão Barroso é o mais acentuadamente "humorista". Nêle é sensível, às vezes, a "presença" de Carlos Drummond de Andrade. Assina um excelente "Poema Sático". Não compreendemos bem porque o poeta incluiu, na sua parte, os "Dois dias depois da Criação" — peça ao nosso vêr bastante fraca — e "torpedeia" o belo "O Poema" recentemente publicado em "Renovação".

O mundo poetico de Aluizio Medeiros é o mais povoado de "fantasmas", o mais sem tempo e sem espaço, certamente o mais inquieto, o mais cheio de signos e pressentimentos. É, de uma maneira mais remota, um captador da lição surreáliste e, mais proximamente, da mensagem de Murilo Mendes.

A poesia de Otacilio Colares se nos afigura a mais "jovem" das três. E também, digamos, a mais "melódica", embora as duas últimas composições, "Decoupage" e "As colunas em marcha" apresentem tendencias para um novo rumo. Sente-se que principalmente a segunda já recebeu na face o beijo frio mas fecundo da Sombra e do Sonho.

W. L.

BRUNO, VELOZO & CIA.

Comissão, consignação e conta propria

Deposito de sacaria nova e usada de
açucar, café, cereais, caroço de algodão,
aniágens e algodão em peças.

End. Tel: BRULOZO - Fone 9292

Rua Barão do Triunfo, 196

RECIFE

CASA DA FORTUNA

Dia 17 300 contos

Dia 20 500 contos

Sabá, a agua mineral
que dá saúde.

Peça

Sabá

para

sua

residência

e

para

bordo

ao

tel.

6495

O prof. Aggeu Magalhães, catedrático da Faculdade de Medicina do Recife escreve sobre a ÁGUA MINERAL DE SABA o seguinte:

"Uma água mineral que não apresenta predominância de um determinado sal, é sempre uma água de larga aplicação, quasi não havendo contra-indicações ao seu emprego. E' o caso da ÁGUA MINERAL DE SABA cuja análise química revelou equilibrio quantitativo dos seus diversos sais e cujos benéficos efeitos tenho constantemente verificado na minha clinica de doenças do estômago e da nutrição".

SUMARIO

O Rato Vermelho, Ademar Vidal. — Poesia, essa desconhecida, Mário Souto Maior. — Pequeno Memento para os artistas e poetas, Mobiliário interior da Poesia, Vicente do Rego Monteiro. — Homenagem a Georges Meliès. Poesia e mistério dos móveis sem estilo, Willy Lewin. — Propriedades do subsolo poético e as inculturas fecundas, Lêdo Ivo. — Portugal é Brasil de D. João VI, Sanelva de Vasconcelos. — Letras Estrangeiras, Guerra de Holanda. — Capitulo de Romance, Dois Poetas, Cleodon Fonseca. — Um intérprete amargo do Romantismo, Mário Pessoa. — Baía, Ascenso Ferreira. Notas, etc. — POEMAS de: Willy Lewin, Cláudio Tuiuti Tavares, Rocha Filho, Eros Gonçalves Pereira, Lêdo Ivo, João Cabral de Melo Neto, Antônio Rangel Bandeira, Matheos de Lima, Manuel Cavalcanti, Otacilio Colares, Aluizio Medeiros.

(Têse apresentada ao CONGRESSO DE POESIA DO RECIFE)

MÁRIO SOUTO MAIOR

Poesia é liberdade de sentir. Som. Alma. Luz. Beleza. Tradução de estado psicológico. Invasão do conciente nos domínios fabulosos do sub-conciente, onde adormecem as idéas insones, onde moram os pensamentos nunca pensados. Também da vida dura de roer, vida real, pela vida realmente irreal, pelo sonho no espaço, perambulação intelectual através do Tempo. Tradução justaposta do Belo, com todos os seus detalhes inclusive os monstruosos, pela harmonia interior e música em câmara lenta de sons e paisagens ultramoleculares que devem ter existência no cérebro e nos olhos, e que são as origens bio-psicológicas da Poesia.



Também é inadaptação à vida vertiginosa do século. Vida mecânica. Cimento armado e máquina. Vida material. Luta.



Os elementos da Poesia são inerentes ao Poeta. Como a luz é própria do Sol. Como a virgindade é das donzelas. Como a pureza é das creanças inocentes.

São:

Silêncio.
Pensamento.
Beleza, Alegria, Tristeza, Dôr.
Amôr.
Sofrimento.
Paisagem espiritual.

Produzem Poesia sempre em choque com o Mêio.

Quando o Poeta não sente tais elementos, não é poeta. Como a luz não é dos cegos. Como a virgindade não é das prostitutas. Como a pureza não será nunca dos monstros, bruxas e megeras.



Goethe garante que Poesia é libertação.

Cocteau adverte que Poésie est une atmosphère de fantômes.

Um, caudaloso como a paixão de Fausto. Como a música impetuosa de Wagner. Representando o Estado acima da Arte.

Outro, com seus enfants terribles fazendo miséria, pondo a Arte acima do Estado, Arte livre.

Mas os poetas são irmãos no coração do Mundo. E coração, fonte simbólica da Poesia, não conhece fronteiras. Só as da Dôr e do Prazer.



Poesia é Liberdade.

E toda arte deve ser livre. Se não fôr, deixa de ser Arte para ser coação, arranjo.

Poesia sendo Arte, tem que ser livre. Como a vida miraculosa do poeta Manuel Bandeira que passou a vida à-tôa... à-tôa. Como a água pura e cristalina de um singelo regato que corre sobre seixos amorfos que forram seu leito macio de arêia fininha. Como canto da Alma que é. Como Amôr. Vida. Pensamento que vôa sem destino, sem roteiro, por onde queira, acariciando seios, beijando lábios invisíveis.

É a gente ter vontade de dizer, e dizer, o que sente. Sem pêias. Sem fórmula pré-estabelecida. Sem fazer questão de rima, decassilabo, oxítonas, e outras coisas dispensáveis quando se queira exteriorizar um sentimento que nasce no coração, onde não existe nada destas coisas.

Não sendo assim, deixa de ser Poesia, a Pura, a Verdadeira Poesia, para ser poesia falsa, escrava, sem liberdade.

E a poesia tem que ser soberana.



Le FUR e DUGUIT admitem a existência de Estados sem Território. Naturalmente existindo a alma da nação, raça, credo religioso, tradição.

Assim é a Poesia. Póde muito bem viver sem rima. Na comparação seria o território, base física. E como Poesia não é material, para que ter rima?



Antigamente, nas festas aniversárias, as mocinhas suspiravam doces poesias de amor. Por questão de histerismo, talvez. Nos salões de baile. Depois, nas festas patrióticas, os rapazes vibravam de entusiasmo recitando sonetos de Bilac. Mas isso aconteceu NAQUELE TEMPO. Hoje, atualmente, dominam o Cimento Armado e a Máquina. Não é a mesma vida. A poesia também evolue. E evolução é sinônimo de civilização, luta, progresso. O povo ainda continua com o espírito fechado para os mistérios da Poesia. Razão pela qual falam tão mal da Poesia Livre, essa desconhecida.

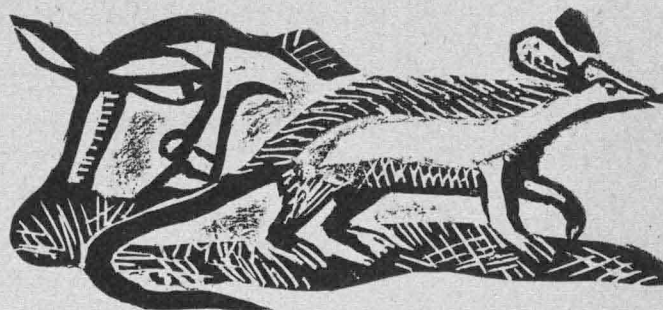


“Mas o poeta não desanimou...

As tempestades se abateram pelos caminhos, as chuvas fustigaram inutilmente seu rosto moreno e êle caminhou...” (1)

E há-de continuar. Porque a Poesia é Eterna.

(1) — A SOMBRA DO MUNDO. Odorico Tavares. Página 11. Livraria José Olímpio. Rio de Janeiro.



Existe nos canaviais um rato pequeno, vermelho e conhecido pelo nome de Punaré. Vive no seu ambiente sem fazer mal a ninguém. E há até quem diga que o povo gosta dele. É bom de carnes. Arma-se a arapuca e pega-se o roedor para um assado de domingo. Mas quem fôr capaz disso deve achar-se mais ou menos louco porque é preciso ter um pouco de coragem. Durante o dia as coisas correm naturalmente, tudo em ordem, nada de novo, um viver sem acidentes, os acontecimentos sempre iguais, chegando ao ponto de poder-se dizer o que vai acontecer amanhã e, para falar sério, até depois de amanhã. Muito bem. Doido estará, entretanto, quem se meter a mecher com o rato punaré, que de dia não faz mal a ninguém, mas à noite se arma em guerra, corre mundo e comete as estrepolias mais complicadas que se poderá supor. Sabe-se de gente que o comeu com farinha. Perguntem que fim levou e dirão na certa que se desgraçou para sempre. A família de Gororoba é o caso que serve de exemplo. As filhas cairam na vida, desmantelaram-se e agora ninguém sabe onde andam. Uma delas já morreu no hospital coberta de feridas. O pai ficou aleijado de uma perna e um dia acordou sem poder se levantar: até hoje vive no girão inteiramente paralisado. A mulher acabou-se com uma sezão que a fez inchar da cabeça aos pés. Enfim todos ficaram infelizes e jamais tirarão de si o estigma do maligno. Este caso é recente. Os outros são inúmeros.

Ninguém quer conversa com punaré e muito menos de pegá-lo para um cozido.

As crianças têm um respeito notável ao roedor. Pegam lagartixa e amarram em caixa de fósforo, fazem toda sorte de judiação. Os guabirús e os catitas também sofrem o diabo. Os meninos são malvados de nascença. Porém eles não tocam no punaré, passam de largo, evitando-o com medo não disfarçado, pois o bicho tem poderes invisíveis e prejudiciais que devem ser evitados. Conhecem as manhas do rato que chegam a ficar como bebedo, fácil mesmo de ser pegado, mas cadê coragem? É que nas trevas noturnas ele se transforma num monstro vermelho que tem várias pernas, corre como um desesperado, tem fogo

nos olhos, uma cauda muito longa e o pêlo cheio de espetos finos, servindo de defesa magnífica quando atacado de tocaia pelos inexperientes.

Espalhou-se a convicção de que punaré arranca as "forças da criança". Para fazer a operação, leva-a primeiro para o canavial, aí agindo livremente, longe das vistas dos pais, depois do que volta com a sua "caça", deixando-a em paz dentro de um sono reparador. E quando acorda é que nota a diferença. Não foi bulir com punaré? Que poderia esperar, então? Quando não são as crianças, são os cortadores de cana. Na época de safra, como não há jeito, corta-se a cana para a moenda do engenho, do contrário o sol faz secar tudo, fazendo desaparecer aquele verde escuro — e também claro que chega a ser um encanto. Se fôr no tempo útil vai tudo magnificamente. Tudo quando está no seu tempo vai bem. Os cortadores ficam descansados. O punaré larga devagarinho o seu domicílio e esconde-se noutros lugares para esperar a próxima planta. É coisa matemática e que tem seu método invariável. E se o homem tentar modificá-lo arcará com as consequências.

Os poderes ofensivos do rato são respeitados. Já vimos como age com quem se banqueteia com suas carnes, vimos também o que faz com as crianças que procuram fazer com ele o que fazem com a lagartixa e, por último, vamos ver como se porta com os cortadores de cana. Só na hipótese desta ser cortada antes da safra é que o roedor procura reagir. E reage forte: pega-os de várias maneiras. Vem uma diarreia infundável, dôres no buxo que não terminam e, sobretudo, uma confusão na cabeça que só passa fumando muito, nada comendo. Logo se enfraquece a vítima. As consequências jamais deixaram de ser funestas.

Ora vejam: e tudo por causa do rato punaré, tão pequeno, vermelho e vingativo, muito cheio de personalidade. Por estes motivos justos, eis porque se verifica a existência de uma profunda consideração pelo roedor, havendo necessidade que ele viva descansado entre as canas, afim de que, por outro lado, vivam todos em tranquilidade neste mundo de aperreios e de atropelos infatigáveis. Não é bicho sagrado, infunde superstições.

Adriana é a pátria da poesia, o magnésio dos fotógrafos, a voz que atende aos S. O. S.

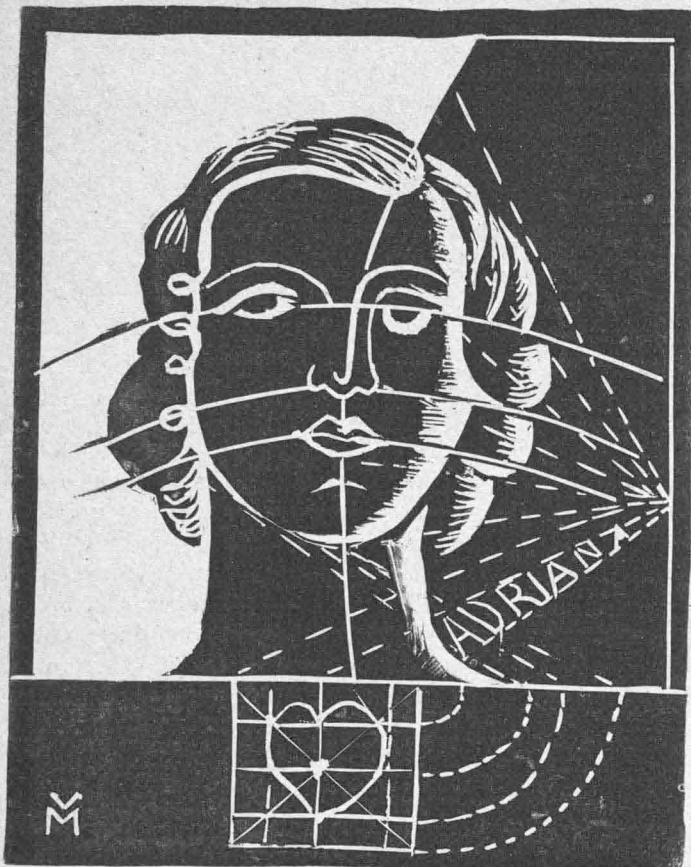
eis o motivo porque a quero brandamente junto de mim com sua mão surpreendendo a obstinação de minha cabeça e não a quero aprisionada pela metrica pois assim a libertarei
Adriana, oh poderosa irmã, tua presença parará os relógios para que tua hora desordene tôdas as horas

Adriana, teus olhos tranquilamente nos meus olhos protege teus seios da bruma dos sentidos sou realmente teu trovador, tua sombra e teu prodígio suavemente junto a mim, oh egressa do sexo, um gesto de tua mão será o sinal para as músicas se aproximarem

junto a mim, pois morrerei se te agastares minha vida depende da poesia — minha pátria e amiga me suicidarei se fôr exilado

Adriana, ritmo ilimitado, usa teus olhos para o chamamento da música e tuas palavras para a expulsão do tédio teus seios não devem temer aos incautos e censores, oh cidadã do mundo

posa tuas mãos em minha cabeça oh música e paisagem, oh rosa dos grandes ventos.



CONVITE AO ÓBITO

Eu preciso nascer de novo; renascer de mim mesmo e estou convidando os meus parentes e amigos para assistirem o meu enterro que ao mesmo tempo é o meu
[total renascimento.

Compreendo-me sem cérebro e sinto-me intensamente nos
[cancerosos,

leprosos, famintos, ladrões e opróbrios.

O mundo vil que de primeiro não conhecia agora vive den-
[tro de mim

e me toma o sangue e a carne estrangulando-me e dilaceran-
[do-me.

Os degradados e maculados vivem imundamente dentro de
[mim

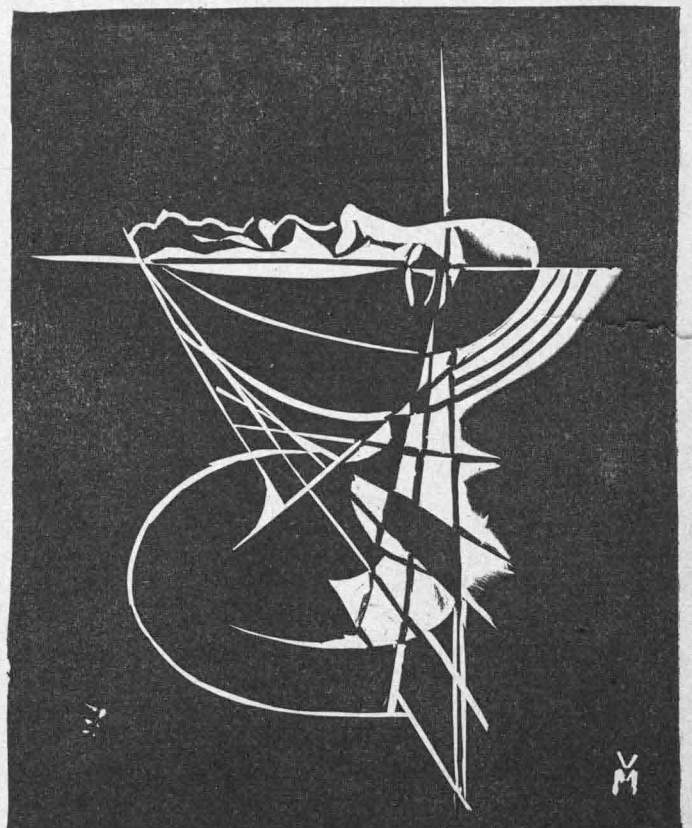
e quanto antes eu preciso renascer de mim mesmo, renascer inocente e já sofrido da vida, renascer dos degradados e dos maculados que se divertem nas minhas veias tomando o meu vinho e se enfeitando com os meus Iotus.

Estou convidando os meus parentes e amigos para assistirem no cemitério fecundo das minhas próprias en-
[tranhas

o meu enterro ressuscitação.

Recife — Abril, 1941.

CLAUDIO TUIUTI TAVARES



POEMA

A lampada clara na noite escura marcou
o encontro
Uma mão dada a outra mão no fim da rua
Da igreja negra saiu um clarão!
A morte passou e tirou o chapéu respeitosamente
E os ponteiros do grande relógio se encontraram.

O cometa de plumas de fogo entrou na casa
E os anjos sentaram-se à mesa
O verde dos campos e o vermelho dos sangues
Dentro dos olhos do poeta havia uma paisagem
Sem mudanças, as mesmas côres
Sobre o prato os dados de jôgo
Mão, olho, unhas e bôca.

Eros Gonçalves Pereira



LUAR

O luar cloroformiza
E opéra a praça deserta
A noite tudo consome
Uma outra lua na terra:
O corpo nú de uma estátua
O meu coração se aperta
—A estátua grita o meu nome.

WILLY LEWIN.





A ZEBRA UNIVERSAL

Filha da eletricidade
Ela pertence ao gasômetro da vida animal.
Não fala não ri não canta não dança
Não se exhibe nos circos nas paradas nos prados
Não comparece às caçadas
Não vai aos campos de batalha
A sua existência é uma existência impossível
Não existe.
Existe na poesia.

ANTONIO RANGEL BANDEIRA.



HOMENAGEM A PICASSO

O esquadro disfarça o eclipse
Que os homens não querem ver.
Não há música aparentemente
Nos violinos fechados.
Apenas os recortes de jornais diários
Acenam para mim com o juízo final.

JOÃO CABRAL DE MELO NETO.



INTERIOR

Tu viste sol e chuva,
eu vejo chuva e lua;
eu vejo,
à luz da doce lâmpada,
sobre que a tua cabeça se reclina,
eu vejo as tuas mãos descendo,
com as pétalas das unhas
e os sonhos.

Eu vejo chuva e lua,
nesta paisagem fria,
em que o sentido da morte se insinua,
em que as árvores tremem na neblina,
e as estrelas na colina,
e as águas gemem e suspiram
num recanto afastado do jardim,
eu vejo essa paisagem,
essa paisagem em que o meu coração se aquece,
e a minha alma se apazigua.

MATHEOS DE LIMA



MARINHA

OTACILIO COLARES

Ondas do velho mar,
batei manso, de vagar,
que vai entrando Maria
no reino das vossas águas...

Socego no vosso reino.
Seu corpo branco e macio
foi feito para as carícias.
Não ide lhe maltratar.

Cuidado, ondas traiçoeiras,
que a minha Maria é fragil,
não é Dona Janaina,
a tal sereia do mar.

Tambem não tem comitiva
de reis para a acompanhar.
Tem só meus olhos que a seguem
por toda parte aonde vá.

Que as tentações do mar alto
não vão Maria arrastar,
que se ela vai e se perde
de mim o que não será?

Não levai minha Maria,
(Maria que Deus me deu...)
oh! ondas do velho mar.
Quero a sua companhia.

Fazei ligeiro voltar
para mim minha Maria.
Si eu soubesse nadar
ai! que bom que não seria...

O GRANDE SINAL

ALUIZIO MEDEIROS

Naquela madrugada sem ruídos
a mulher notívaga parou na esquina
e apontou para o alto.
O cientista surgiu por entre retortas
e vapores de combinações químicas
e apontou para o alto.
O marinheiro manso que estava olhando
os maravilhosos peixes voadores
apontou para o alto.
O poeta que ia saindo do cabaré
também apontou para o alto.
Os primeiros bondes pararam
e o louco oh! lúcido louco
correu pela praia gelada e nua
ao encontro daquilo que os outros apenas pressentiam.
E no alto não estava o eclipse lunar
nem a estrela da manhã
nem o cometa desconhecido.
No entretanto o louco corria
todos apontavam para o alto
e o marinheiro manso
dirigiu o couraçado a um porto do mar Báltico
naquela madrugada sem ruídos.
Naquela madrugada fria e silenciosa
o que estaria para acontecer?



P E T I T M É M E N T O P O U R L E S A R T I S T E S E T P O È T E S

VICENTE DO REGO MONTEIRO

(Presenté au Premier Congrès de Poésie de Recife)

La pensée humaine simiesque, débuta par l'imitation des gestes, aujourd'hui elle ne jette plus des noix de coco à la tête de son sosie. Par l'évolution naturelle, la pensée s'approprie et se répète, ce qui fit dire Salomon dans l'Ecclésiaste "il n'y a rien de nouveau sous le soleil".

*

La pensée humaine est imparfaite, elle est fragmentée, la pensée de l'homme épelle. Son image exacte est un graphique morse.

*

La peinture est la philosophie du dessin et de la couleur. La sculpture celle de la forme. La poésie est la philosophie de l'abstrait.

Le peintre, le sculpteur et le poète sont ses sophistes.

*

L'absurde est le sens commun des artistes des poètes et des fous.

*

La "vérité" est le sens commun des sectaires.

*

Le dilettantisme, désœuvrement de l'esprit, est le plus grand ennemi de l'œuvre d'art.

*

Les hypothèses sont des vérités fécondes.

*

Le scepticisme en art est la suffisance des ignorants.

*

L'étendue, l'espace, sont les mesures de la petitesse de l'homme.

*

L'abstrait, l'idée du volume, le concret mesurent le degré du presbytisme de la pensée de l'individu.

*

Le poète et l'artiste sont instruits par l'esprit. Le philosophe instruit le sien.

*

Toutes les religions tendent à la perfection.

Tout prophète dans le lyrisme de son exaltation annonce le véritable Dieu, mais la suprême perfection qui est Dieu divise les hommes.

Ainsi dans les arts comme dans les lettres, l'idéal de la perfection qui est universel tend à la création des "petites chapelles".

*

De la perception des sentiments

Pour donner une idée approximative des nuances des sentiments humains, nous proposons une sorte de graphique ainsi: L'amitié serait représentée par un carré aux traits reposants horizontaux. La haine par des traits agressifs verticaux. L'amour par le croisement des deux. Le rire comme le pleur par des obliques à sens opposé mais ayant la même inclinaison. Le bonheur par un carré pointillé, symbole de sa porosité.

Par la superposition des uns aux autres nous trouverions les nuances des sentiments secondaires.

*

Art, poésie et révolution sociale

L'art dans l'acception plastique et poétique est une promesse inaccessible.

*

La politique est une promesse pour atteindre.

*

Tout artiste ou poète dans sa lutte contre le "plafond" de l'académisme est objectivement révolutionnaire.

*

Toute politique tend à établir la formule idéale de gouvernement. La formule établie crée des limites et des frontières.

*

Pour l'Art et la Poésie la formule est la caractéristique de la cristallisation.

*

Toutes les tendances artistique ou littéraires enféodées aux formules politiques se sont vite fossilisées.

*

Pour la politique la formule est le point de départ.

*

Pour l'art la formule est le point d'arrêt

*

Pour l'artiste la formule est un trompe-l'œil, pour le politicien le moyen de tromper les autres.

*

Tout artiste ou poète doit, journallement, battre son propre record.

*

Tout plafond établi devient vite un académisme dangereux.

*

Les révoltés politiques demandent du pain pour le corps social
Le poète et l'artiste l'aliment pour l'esprit.

Les premiers seront rassasiés, les seconds jamais.

*

La révolution politique et la révolution artistique parfois se retrouvent parallèlement mais ne poursuivent pas le même but.

De là la grande confusion qui existe à notre époque entre art et poésie d'avant-garde et révolte sociale.

*

La révolte sociale est une vague de fond.

La révolution artistique est une ascension stratosphérique avec rupture d'amarres.

*

La révolution artistique et poétique est une course aux relais.

*

L'art et la Poésie ne poursuivant pas de buts utilitaires leurs révolutions sont à l'état permanent.

*

La révolution sociale tend à établir un nouvel ordre donc une nouvelle cristallisation académique.

*

Le poète peut chanter l'exaltation d'un credo libertaire ou les charmes d'une dictature débonnaire; à ce moment le poète cède la place à l'homme politique, le poète n'est pas diminué; seule sa poésie se trouve datée.

*

La participation de l'artiste ou du poète aux révolutions sociales a quelquefois servi à l'individu comme moyen d'expression plastique et poétique anti-bourgeoise (bourgeois-routine, non pas dans le sens social). Mais l'établissement de l'ordre nouveau politique a toujours désarçonné le poète de son fougueux Pégase, par l'esprit réactionnaire inné de "l'Ordre".

*

La poésie comme Phénix renaît de ses propres cendres.

La révolution sociale prend forme des cendres de son adversaire.

*

La mutilation de la victoire de Samothrace lui a enlevé les attributs du temps, elle en a gagné ceux de l'espace.

*

Un torse sans tête ou sans bras est une œuvre sans date, donc une œuvre d'art.

*

La vraie poésie n'a ni tête ni bras.

PEQUENO MEMENTO PARA OS ARTISTAS E POETAS

(Comunicação feita ao 1.º Congresso de Poesia do Recife)

VICENTE DO REGO MONTEIRO

O pensamento humano simiesco, iniciou-se pela imitação dos gestos, hoje, êle não joga mais côcos à cabeça do seu sosia. Pela evolução natural, o pensamento se apropria e se repete, o que fez dizer Salomão no Eclesiastes "nil novi sub sole".

*

O pensamento humano é imperfeito, êle é fragmentado, o pensamento do homem soletro, sua imagem perfeita é o gráfico horizontal Morse.

A pintura é a filosofia do desenho e da côr; a escultura a da forma. A poesia é a filosofia do abstrato.

O pintor, o escultor e o poeta são os seus sofistas.

*

O absurdo é o senso comum dos artistas, dos poetas e dos loucos.

*

A "verdade" é o senso comum dos sectários.

*

O diletantismo, ociosidade do espírito, é o maior inimigo da obra de arte.

*

As hipóteses são verdades fecundas.

*

O ceticismo em arte é a suficiência dos ignorantes.

*

A extensão, o espaço são as medidas da pequenez do homem.

*

O abstrato, a idéia do volume, o concreto medem o grau do presbitismo do individuo.

*

O artista e o poeta são instruídos pelo espírito. O filósofo instrue o seu.

*

Todas as religiões aspiram à perfeição. Todo profeta no lirismo de sua exaltação anuncia o verdadeiro Deus, porém, a suprema perfeição que é Deus divide os homens. Assim, nas artes e nas letras o ideal de perfeição que é universal tende à criação de "capelinhas".

*

(conclue na pág. 28)

Willy Lewin.

(Proposta ao 1.º Congresso de Poesia do Recife)

Devem ser levadas ao ativo do movimento surrealista certas preocupações de fundamental importância, tais como a pesquisa mais ou menos sistemática, a reabilitação do “popular” e do “feio” (ou melhor, dos seus “espectros”): crômos, decalcomanias, gravuras d’Epinal, daguerreotipos, catálogos de modas femininas do ano de 1900, cartazes, letreiros luminosos, “planches” de anatomia, instrumentos ortopedicos, manequins estáticos e lívidos — toda essa massa variadíssima, misteriosa e fantomática, invisivelmente “iluminada” por incontrolláveis e suspeitas complicitades.

Pierre Lagarde nos conta que ao pedir, pelo telefone, uma entrevista sobre poesia a Jean Cocteau, este lhe respondeu:

“— Sur la poésie?... Mais bien sûr, vous n’aurez qu’à me poser des questions, je répondrai... Je parlerai d’Al Brown (trata-se de um boxeur. N. do A.), du théâtre japonais, des chanteuses de music-hall... c’est entendu... Venez me voir...”

Esta linguagem nos é inteiramente familiar. Mas que ninguém se iluda: há uns trinta anos raríssimos a compreendiam.

Uma das principais finalidades do nosso Congresso de Poesia é precisamente a de nos pôr em estado de vigília permanente em relação a esses incontáveis e sedutores mistérios; excitar a intuição de quais os objetos que se fazem cercar dessas atmosferas suspeitas, capazes de transformar a mais simples, e na aparência, mais inocente coisa num bouleversant elemento de “delito”... poético.

Leonardo da Vinci e o seu projeto de máquina volante. Os arquitetos e decoradores fantasistas do Settecento italiano. Os primitivos. O “Livro das Maravilhas” (Século XIV). Paris, 1900, com a Exposição Universal e a inauguração da torre Eiffel. O potencial poético de uma obra como a de Julio Verne... Eis alguns exemplos para exagéses sutís e recriações imprevisíveis.

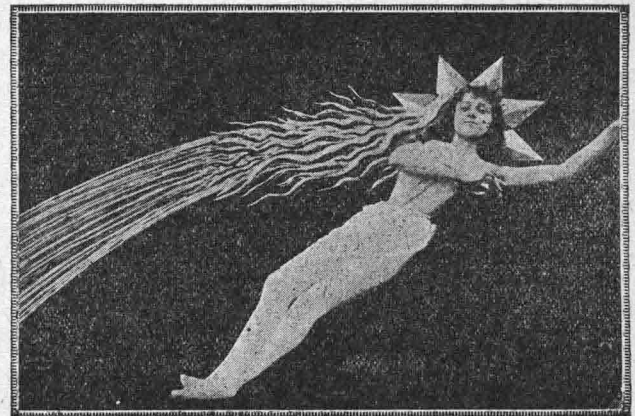
Desejo propôr uma homenagem especial a Georges Meliès, que não é apenas um dos precursores do Cinema, mas um dos maiores e mais fabulosos inventores de poesia.

Sem provavelmente conhecer a “Alquimia do Verbo” de Rimbaud (“J’écrivais des silences, des nuits, je notais l’inexprimable...”, Meliès se propôs um dia, segundo as suas próprias expressões, a “donner l’apparence de la réalité aux rêves les plus chimériques”.

Fátos como esse provam os laços de sangue que unem todos os poetas.

Eis-me face a face com algumas reproduções fotograficas de filmes de 1906: “A Viagem à Lua”, os “Contos” de Hoffmann, “As Torturas da Idade Média”, “A Conquista do Pólo”, “Os Misterios do Mar”.

Penso, diante delas: por que o Cinema deixou de ser uma “mágica” infantil e féérica? Por que o Cinema fugiu do Sonho e da Noite para o sol da “realidade”?



Constelação — imagem de G. Meliès

POESIA E MISTÉRIO DOS MÓVEIS SEM ESTILO

Willy Lewin

(Comunicação feita ao 1.º Congresso de Poesia do Recife)

Podemos ser muito “inteligentes”. Podemos medir, pesar, saber o que constitue a beleza de uma determinada coisa com uma lucidez cartesiana. Mas aí de nós, se somos poetas! De hora em hora, de minuto em minuto a Poesia nos despista ou contradiz.

No momento mesmo em que acabamos de redigir umas notas — digamos — sobre a beleza simples, clara, solar, bem calculada e construída de uma “máqui-

(Continua na pág. 30)

PROPRIEDADES GERAIS DO SUBSOLO POETICO E AS INCULTURAS FECUNDAS

LEDO IVO

(Tese apresentada ao Primeiro Congresso de Poesia do Recife)

(CONTINUAÇÃO)

ESCURIDÃO DO LIRISMO

O mundo da poesia é um mundo noturno. Dentro dêle, temos a impressão de nos encontrarmos em uma noite que não termina. Mesmo as correntes modernas do lirismo repousam nessa atmosfera, quer com o automatismo verbal dos surrealistas, com a projeção da presença poética oriunda do inconsciente, da exploração do caos e do desespero do sonho, quer com a reação do poeta ao sol lógico do mundo real. A música nos transmite também êsse conhecimento da noite, arrebatando-nos a uma atmosfera mágica que nos aniquila — não há quem, diante de uma audição de Tchaikowski ou Rachmaninoff se julgue em plena luz solar. Diante da música, a noite desce. Diante da poesia, a noite faz o mesmo, pondo-nos em contacto com o lado orgânico do sonho, dentro do qual o artista se denuncia e se realiza. E essa idéia integral do silêncio que sugere as telas de Chirico não tem, porventura, suas raízes da noite, essa noite iluminada pelo cometa de Halley do lirismo tempestuoso de Murilo Mendes, essa noite que é eterna dentro de nós, como uma sugestão permanente da criação e do fim do mundo, que invade o mundo diurno como uma eclipse total? Até mesmo o drama da Amada Invisível não se encontra situado na face noturna do poeta? Pelo poder de transfiguração que ela opera, emprestando a tudo um veu de mistério, pela transmissão imediata de uma presença inefável, ela é a pátria dos poetas, que circulam nela pelos elevadores do sono, amparados pela lei de segurança do sonho, sem temer os bombardeios aéreos dos junkers burgueses e os torpedeiros do materialismo. Não queremos falar dessa mensagem noturna que o poeta transmite ao mundo, que sofre as conseqüências de sua perda, porém do poder litúrgico dessa atmosfera que é o clima do mágico, um ambiente de foto-montagem que distingue os poetas dos outros homens, como se os primeiros fôsem os últimos representantes de uma raça dizimada por um "pecado original" da humanidade. Soldado da legião estrangeira da noite, o poeta é um soldado-raso de Deus. É um nostálgico do céu transformado em astrônomo. Vive, como dizem os burgueses, "no mundo da lua". E o mundo da lua está na noite metafísica que o protege.

O mundo moderno necessita de escuridão. Mais do que isto, precisa do mistério que unicamente a escuridão pode transmitir. A realidade não o satisfaz — é necessário, portanto, um colóquio com a escuridão dos cinemas, da poesia, do lado noturno da vida. A luz meridiana destruiu os mitos inefáveis. E só, em meio ao sofrimento universal, sofrimento que se manifesta pela decadência e fuga ao espírito, a poesia vela, como um sinal imperturbável. É a vigília do lirismo na morte do mundo. Ela vela, porque sua missão é velar, velar sempre, como uma governante na cabeceira do mundo enfermo, como uma espôsa. Sua mão se estende sobre nós, mão afagante e suavíssima, seus cabelos empanam nossos olhos e fazem com que a Noite Integral caia dentro de nós; de seus lábios sai a voz inesquecível, cujas palavras se transfiguram. Nos sentimos, todos puros, porque os gestos da poesia nos sugerem a poderosa liturgia que é o privilégio místico dos filhos do Eterno. A poesia descobre que precisamos de brinquedos. A humanidade atual é uma criança pobre: falta-lhe o universo mágico dos brinquedos. E diante de nós se desdobra o panorama assombroso dos brinquedos.

Há uma infinidade de divertimentos — há mesmo, para os meninos graves da poesia, distrações sérias, livros para meninos que serão assombrosos nas escolas, porém, se bem tiremos o chapéu diante desses "portentos", queremos de modo particular nos referir aos brinquedos pertencentes às crianças que não são adultos, que pensam como meninos mal-educados. Essa atmosfera de brinquedo é o sinal da poesia.

Muitos são os planos, atmosferas, influências do tempo, confusões, gritos.

Existe a parte técnica das diversões. Entre os espectadores, o espírito do século, os ditadores e a burguesia.

* * *

A poesia, a música, a pintura, nos revelam uma perfeição que não possuímos. Chirico nos mostra um mundo que, aos nossos olhos, é forçosamente aceito como irreal, porém susceptível de existir, porque o sonho é uma irrealidade que existe dentro do silêncio de nosso sono. É justamente o sonho que nos ocorre ao tentarmos a explicação dessas coisas espantosas, porque no silêncio as coisas são mais belas, a música é um verdadeiro silêncio sonoro, e a pintura traz à tona a beleza formidável do silêncio que serve de linha de horizonte ao inefável que o artista desenhou. O que torna a poesia algo sobrenaturalmente fabuloso é o sópro de silêncio que vem da eternidade. Alguns dirão que a música "fala", porém se trata realmente de um engano. A música representa uma nova dimensão que liga nossos sentidos ao eterno. Não se pode dizer qual o órgão sensorial que o percebe. Lógicamente são os ouvidos que a captam, mas creio que se fôssemos ao fundo da questão notaríamos que a música, antes de ser ouvida, é olhada. O poeta vê a música, eis a grande verdade. Tanto assim que Augusto Frederico Schmidt confessa, no "Canto da Noite":

Eu vi a música da noite.

E chega mesmo a fazer confusão com a história, pois não consegue precisar qual de seus sentidos a registrou:

E nem sei se ouvi ou assisti à chegada dessa infinita harmonia, porque todos os meus sentidos ficaram unidos.

Mais adiante, êle proclama:

Eu vi a música da noite.
Eu vi a primeira noite do mundo.

O exemplo é frisante. Seria um verdadeiro despautério dizer-se que se "ouve" a música de Mozart. A gente a vê, tem-na diante dos olhos. É visível a olho nu, e não precisa de binóculo nenhum. Mesmo os poetas míopes podem ver "A nona sinfonia" de Beethoven, ou uma dessas coisas raríssimas e estranhas como o "Capricho" de Ravel, "O pássaro de fogo" de Strawinski, da mesma maneira que vemos a noite. E voltando a citar Augusto Frederico Schmidt, saientamos suas palavras

Eu vi a música da noite.
E ainda ouço o seu eco
Eu vejo ainda a sombra da música
Que passou rapidamente por mim!

A alguns parecerá despropósito essa confusão entre ouvir uma coisa depois de vê-la. Engano. Quando u'a mulher bela passa por nós, vemo-la. Quando ela desaparece, sentimos-a, pelo perfume que deixou, pela impressão profunda que causou em nós, ou talvez pelo instantâneo que a máquina fotográfica de nossa memória bateu. Assim se dá com a música. Depois de passar, ela fica em nossos ouvidos. Não se diz geralmente que fulano, tem bom ouvido para a música? Pois é isso. O poeta (e o poeta é músico) tem um ouvido excelente para guardar o que ouve. E acentuamos ainda a asserção do grande poeta de "Estrela solitária" ao insistir na visão assombrosa da música, ao dizer: "Eu vejo ainda a sombra da música". É essa vidência que distingue o poeta dos outros homens, porque os que vêem de mais vêem melhor e os que vêem melhor alcançam com seus olhos paisagens inalcançáveis aos olhos dos outros. Rimbaud e Baudelaire viram fatos fabulosíssimos. Manuel Bandeira viu o bêco, e de Murilo Mendes temos a visão da graça, num poema terrivelmente esplêndido (vide "A Graça" — Tempo e Eternidade). O poeta vê mesmo sem os olhos. Vê Deus, a Amada, o dilúvio, o fim do mundo; são essas visões que fazem parte de seu privilégio de cantar e de contemplar um mundo que o espírito burguês chama de eufórico, se bem sejam os burgueses os bêbados, pois beberam do uisque do tempo. Raissa Maritain, ao cantar Chagall, nos põe em co-

municação com êle, força-nos a vê-lo, a êsse genial eleito do "Christ étendu à travers le monde perdu dans un grand espace d'ivoire":

Chagall est venu à grands pas
de la Russie morose
il a dans sa besace
des violons et des roses
des amoureux plus légers que des anges
et des mendians en redingote
des musiciens et des archanges
et des synagogues

E no Brasil, como em tôda parte, os poetas também vêem acontecimentos fantásticos. Willy Lewin, por exemplo:

Vejo teu coração vermelho
voando sobre os desertos.
Vejo arcanjos pálidos
movendo as grandes asas
sobre os arranha-céus.

O menino-prodígio João Cabral de Melo Neto:

Os esquadros disfarçam o eclipse
que os homens não querem ver.
Não há música aparentemente
nos violinos fechados.
Só os recortes de um jornal diário
acenam para mim com o juízo final.

Não é espiritismo não, porque a poesia é a própria visão da eternidade, porém, dentro dêste mundo em que nos encontramos, "para o lado do mistério", há uma grande beleza "que os homens não querem vêr".

O mistério fugiu no trem blindado da poesia. Para os homens, ela se apresenta envolta em singular véu que faz com que êles não percebam bem sua significação. Por isso muitos se queixam da poesia, que não se apresenta mais simples e acessível. São inumeráveis os que dizem não compreender os novos rumos da poesia. Outros não aceitam de modo algum as tendências absurdas e gritam, batendo os nós dos dedos metrificadores na mesa parnasiana do café: "Comigo é no soneto! É na inhanha — poesia caranguejeira, catorze pés". No entanto, dentro dêsse mundo, turvo que, à primeira vista, constitúe a poesia, está um mundo lúcido, inefável, "plus réel que le réel", apoderando-nos da linguagem de Cocteau. Na poesia há qualquer coisa que o mundo perdeu. Ela está guardando inviolavelmente uma virgindade que não pertence mais ao universo presente. A poesia tem alguma coisa a mais — é o mistério. É êsse intacto mistério que se transmite ao poeta e faz com que êle tenha uma importância inaudita dentro dos homens, tornando-o como observou inteligentemente o sr. José Otávio de Freitas Júnior, um "participante" do universo. A poesia é misteriosa (e até mesmo a significação da palavra "misteriosa", dentro do lirismo, se transfigura, fica mais misterioso ainda). Os vocábulos empregados, a imagem, o ritmo, o estilo, a beleza, a musicalidade e outras qualidades do poema possuem uma quarta dimensão, uma harmonia que as une, e lhes dá um todo característico, uma aura imponderável mesmo em se tratando de coisas não grandiloquentes. Os vocábulos usados pelo poeta se transfiguraram, redimiram-se pela readmissão do mistério.

Aliás, não é privilégio único da poesia essa transfiguração. A própria prosa nos comunica isso, porque a prosa sofre a invasão relâmpago da poesia, e o poético é sempre o poético, mesmo quando legalmente lógico, o que é difícil. Kafka, Tchekov, Dostoiewski, Giraudoux, Joyce, Bernanos, Mauriac, Conrad, Jorge Amado, Dickens são tão poéticos como Rainer Maria Rilke, Verlaine, Pouchkine, Frederico Garcia Lorca, Uidoboro, Augusto Frederico Schmidt, Lawrence (poeta) e Murilo Mendes, que dorme, sonha, desperta, lava os dentes, toma banho, come, trabalha, passeia, conversa e gesticula dentro da poesia.

ESTAFETAS DE DEUS

Parce que la poésie, mon Dieu, c'est vous.

JEAN COCTEAU

Uma presença que, nos tempos em que vivemos, está tão ligada à poesia como se fôra uma segunda face desta, é, não resta a menor dúvida, a presença de Deus. Na França, após a conversão de Verlaine e a predisposição católica de Baudelaire e de Rimbaud, temos atualmente o caso de Paul Clau-

del, cuja conversão marca uma das épocas mais luminosas da poesia francesa, sendo, talvez, o maior poeta vivo do mundo:

O credo entier des choses visibles et invisibles,
je vous accepte avec un coeur catholique!

Entre outros exemplos, na grandiosa galeria dos que sentiram "cette sensation presque physique du surnaturel" no dizer de François Mauriac, podemos citar Patrice de la Tour du Pin, autor de "La Quête de Joie" e "Psaumes", entre outros, idealizador de "une clôtüre de chanteurs" cujas regras se acham em "La vie recluse en poésie" (Ed. Présences — Plon), — e cujo trágico desaparecimento, num campo de concentração alemão, constitui a grande perda da poesia francesa nesta guerra.

No Brasil, antes do grito de Jorge de Lima e Murilo Mendes, "Restaremos a Poesia em Cristo", que serve de pórtico ao livro que marca o início da poesia cristã em nosso país, o catolicismo não tinha residência oficial em nossa literatura, muito embora os casos isolados que apareciam.

A publicação de "Tempo e Eternidade" constituiu alguma coisa de anormal em nosso meio literário. Choveram os elogios e os insultos. Foi também o marco de libertação da poesia brasileira ao modernismo.

Não podemos deixar de citar, entre os poetas que entram na Igreja, Ivan Ribeiro, um dos novos mais brilhantes, cujo lirismo, pleno da presença do Cristo e de uma beleza extraordinária, adquire, por vezes, uma plenitude assombrosa:

Caíndo, caíndo,
rodando, rodando,
meu corpo é oferta
na mão do Senhor!

Há alguns poetas dos quais não se poderá definir sua posição diante de Deus, pois são apenas diletantes de Cristo, fazendo poesia católica em lugar de vivê-la; outros há que, embora afastados do Cristo, refletem em sua poética a grande presença banida.

Antes de estudar êsses tipos de poetas, queremos nos referir a dois grandes poetas que são alunos de Cristo: Augusto Frederico Schmidt, voz das mais altas no côro de nossos cantores, e Francisco Karam, sem esquecer Ismael Nery, já morto.

O sr. Prudente de Moraes Neto, quando crítico literário de "A Ordem", referindo-se a Manuel Bandeira, teve oportunidade de notar que ninguém se lembrava de julgá-lo católico e no entanto sua poesia estava invadida de Santas.

Em 1936, Murilo Mendes anotava alguns pontos da poética de Manuel Bandeira onde êste traía a temas católicos, como o da abstração do tempo. No mesmo artigo, Murilo Mendes salientava um depoimento pessoal do autor de "Libertinagem" que denunciava claramente sua aversão ao catolicismo que, consoante o autor de "A Poesia em Pânico", Manuel Bandeira desconhecia.

Esse estudo de Murilo Mendes, "O Eterno nas letras brasileiras modernas" (Lanterna Verde, 11-936) veio trazer uma contribuição das mais interessantes a interpretação cristã dos poetas a-católicos ou pré-católicos.

Realmente, os traços principais da poesia de Manuel Bandeira são profundamente cristãos. Entre os poemas que mais refletem essa tendência, podemos apontar: "O Anjo da Guarda", "Teresa", "A Virgem Maria", "Oração no saco de Mangaratiba", "Oração a Teresinha do Menino Jesus", onde o poeta insiste na doação da alegria, tema já aproveitado em "Não sei dançar" e que constitui um dos motivos mais ventilados pela grande poesia católica, tomando-se em consideração Patrice de la Tour du Pin que, desde o título de seu livro "La quête de joie" até as páginas de "La vie recluse en poésie", frisa essa conquista da alegria: "Quant à nous, nous tenons la Joie en la cherchant encore, toujours pour le plaisir de l'homme, sachant, bien qu'il n'est pas sur la portée de beaucoup de plaisirs de la créature, mais sur celle de beaucoup de souffrances; et si le jeu de poésie se perd, tous les moments du jeu ont leur trace sur la joie et souvent l'obscurcissent; mais je ne l'abandonne pas encore, et je bâtis cette École de Tess qui est du mythe, et j'écris cette Vie Recluse qui est de la vie intérieure;"

Insistimos principalmente em "Oração a Teresinha do Menino Jesus", escrito por um poeta que diz detestar o catolicismo. Continuando o exame, salientamos "Irene no céu", "Vou-me embora pra Pasagarda", onde vem à tona o drama do paraíso perdido, motivo visceralmente católico, "Poema de Finados", "Estrela da Manhã", "Oração a Nossa Senhora da Boa Morte", "Contrição", onde se acentua também essa

SANELVA DE VASCONCELOS

AS principais figuras do reinado brasileiro têm merecido de nossos historiadores especiais estudos e comentários.

Dona Maria I. Carlota Joaquina, dom João João VI, Pedro I, dona Leopoldina, Francisco Lobato, Chalaça, Lord Strangford e tantos outros, são personagens que deixaram na reinól-ribalta traços fortes de sua passagem.

E os homens de história nos dizem, quasi sempre, que tivemos uma rainha louca e outra mais "louca" ainda, um rei bonacheirão e fraco, um príncipe estróina, uma princesa bôa e simpática, dois famosos alcoviteiros, um diplomata desfeitoado, etc, etc.

Jaime de Altavila, no seu recente trabalho editado pela Casa Ramalho, de Maceió, estuda algumas dessas figuras, fazendo pormenorizadamente a reivindicação do pai do nosso primeiro imperador.

Em PORTUGAL E BRASIL DE D. JOÃO VI — o apreciado escritor alagoano relata as frases mais importantes dessa época, com inteligência e acêrto.

Fala-nos dos escândalos de Carlota Joaquina e da displicência do real espôso. Conta-nos alguma coisa da côrte cheia de "gente de linhagem, muito fidalgote pretencioso, muito malandro de casaca de sêda e fivela de prata nos sapatos."

Jaime de Altavila vai encontrar dom João VI e Carlota Joaquina às vésperas de partirem para o Brasil, acompanha-os ao Rio de Janeiro e depois os retorna às terras de além-mar.

volta a um estado de graça perdido em consequência do peccado original, "A estrela e o anjo", "Mozart no céu", "Rondo do Capitão", cujo signo eterno é o mesmo de "Contrição", etc.

Não queremos com isso afirmar tratar-se Manuel Bandeira de um poeta católico. Usando a linguagem de Murilo Mendes, êle é, junto a Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, e Osvaldo de Andrade (3 Andrades, três grandes poetas), "um nostálgico do cristianismo" (o que acontece com o autor dêste trabalho, iluminado unicamente pela presença da poesia). Aliás, no seu artigo "Um comêço de Crítica", Mário de Andrade confessa que chega aos 40 anos acreditando em Deus.

Não é Manuel Bandeira um poeta católico, se bem êle esteja perto disso; seu maior lirismo está, justamente, do outro lado de sua libertinagem poética, que atinge inefável climax em poemas como "Mulheres", "Camelots", "O Cacto", "Pneumo-torax", "Comentário Musical", "Poética", "Chambre vide", "Bonheur lyrique", êsse fabuloso "Noturno da Parada Amorim", tão fabuloso como "Na boca" e "Noturno da rua da Lapa"; "Palinódia", "Balada das Três mulheres do Sabonete Araxá", "Boca de Forno", "Gnanson des petits esclaves", "Sancha e o poeta", "Jacqueline", a estranha beleza de "Tragédia Brasileira", em que a polícia vai encontrar Maria Elvira morta.

"Caída em decúbito dorsal, vestida de organdi azul", "Água forte", "A morte absoluta", "Canção da Parada do Lucas", "Canção de muitas Marias", etc.

Descreve com carinho e um tanto de entusiasmo a memorável vitória do padre brasileiro José Mauricio — compositor sácro e diretor do Conservatório dos Negros — sôbre o intrigante maestro Marcos Portugal, alcoviteiro de sua magestade a senhora rainha Carlota Joaquina de Bourbon e Bragança!

O padre José Mauricio, ao piano, num saráu no Paço, executa com timidez mas com emoção e encanto uma sonata de Haydn, que pela primeira vez fôra posta ante seus olhos, após ter sido tocada com frieza pelo favorito da rainha.

O autor de *O Quilombo dos Palmares* enfeixa no seu último trabalho, dois interessantes capítulos: "D. João VI descobre o Brasil" e "Em Caiena já se falou português". No primeiro, considera Jaime de Altavila que, com a vinda da família-real o Brasil fôra descoberto pela segunda vez, dado o surto de progresso que se operou desde então. E, no segundo, assevera que o brigadeiro Manuel Marques, ocupando com seus soldados a capital da Guiana Francesa, a mando de dom João VI, fez tremular nos mastros a bandeira das quinas, durante longo tempo, como revide à invasão de Portugal pelas fôrças napoleônicas.

PORTUGAL E BRASIL DE D. JOÃO VI é um precioso livro onde o autor se afirma, mais uma vez, como historiador consciencioso e profundo.

Em um poeta dos maiores de nossa história literária como o autor de "Estrela da Manhã", que tem suscitado estudos alentadíssimos, não podemos fazer uma investigação demorada no conteúdo de seus poemas limitando-nos exclusivamente à citação daqueles que, a nosso vêr, são algo de extraordinário; contudo, somos unânimes em apontar em Manuel Bandeira indícios inegáveis da presença de Deus, muito embora êle às vezes se refira a santas que não existem no Reino dos Céus, como — a Nossa Senhora da Prostituição ("Rondô do Palace Hotel").

Carlos Drummond de Andrade, com seu invulgar sentimento do mundo, dentro em breve conquistará o sentimento de Deus.

Há alguns poetas — e o exemplo mais característico é o de Vinicius de Moraes, cuja poesia parece debater-se entre Deus e o Demônio, traçando uma visão panorâmica de uma constante luta entre o visível e o invisível. E não há dúvida que um dos méritos dêsse grande poeta é justamente a denúncia que sua poesia relata da enorme inquietação que o agita, na qual a carne se apresenta com uma dimensão sobrenatural, uma face noturna que nos revela o poder de transfiguração do lirismo no instinto.

LÊDO IVO

(*) Vide *RENOVAÇÃO*, n. 3, Junho, 1941)

MOBILIER INTÉRIEUR DE LA POÉSIE, STYLE ET QUADRICHROMIE

(A perçu de l'histoire de la poésie à travers son aménagement, de la Paléolithique à nos jours)

VICENTE DO REGO MONTEIRO

Ce petit essai sur le mobilier intérieur de la poésie, n'a d'autre but que celui de réaliser un voyage d'atmosphère à travers la poésie par son mobilier.

Mobilier intérieur de la poésie ne veut pas dire style de meubles pour la poésie. Pour le vrai poète un nuage peut être un lit à quenouilles et à baldaquin rose. Un fragment de bois de renne sculpté et une chambre d'explosion d'un cylindre en acier des rythmes nouveaux pour son atelier.

Parfois une arbalète prend la forme d'un petit meuble gracieux et coquet. Un arc dessine une chaise de boudoir ou les contours d'un dossier de lit. Une cage d'oiseaux devient une belle dame à panier en cercles de baleine et jarretières mauves, la perruche se métamorphose en oie blanche.

C'est d'ailleurs par ce dualisme magique-poétique que nous distinguons le vrai poète tapissier du froid et logique pasticheur.

MOBILIER POÉTIQUE QUATERNAIRE

Le premier effort sérieux de poésie murale fut réalisé par les magdaléniens.

Les plus beaux spécimens de décoration pariétale sont encore visibles à la caverne d'Altamira en Espagne, et de Marsoulas (Haute Garonne) en France.

La décoration pariétale avec ses graffiti et ses peintures polychromes atteint son plus haut degré de perfection. Les poètes tapissier magdaléniens avaient la tendance aux motifs animaliers. Gravés ou peints sur les parois des cavernes à Niaux, à Combarelles ou à Marsoulas, nous voyons des bisons, rennes, mammoths, chevaux placides ou bondissants.

La figure humaine était rarement représentée, sauf dans la fresque polychrome du rocher de Cogul en Lérida (Catalogne): Les neuf femmes autour du satyre: Le sorcier masqué dansant, de la caverne des Trois - Frères, et les figurations anthropomorphes de la caverne de Marsoulas, France.

L'ethnographie attribuée à l'art magdalénien un but exclusivement magique sans aucune intention décorative.

Chevaux cagoulés, empreintes de mains, signes tectiformes, crosses, points rouges, sorcellerie, envoutement, animisme, magie?

Magie donc Poésie.

L'ethnologue et le sociologue de se disputer.

Q'importe la perspective. Vive le beau mystère. Un bel effort de poésie d'appartement était né.

MOYEN — AGE

Ogival primaire, rayonnant, flamboyant: fleuri de feuillages de vigne vierge, de feuilles de choux et de fraisiers; de bêtes exotiques en couronnement de balustrade, monstres polycéphales, bêtes apocalyptiques, dragons et chimères, gargouilles vomissantes aux façades.

Toute la Bible, Vieux et Nouveau Testament. Belles et augustes images accoudées à des êtres hideux, grimaçants, dragons ailés, griffons, larves, salamandres.

MYSTÈRES ET MIRACLES

Arrache-Cœur, Brise-Barre, Brise-Tête, Courte-Épée, Courte-Barbe, Fier-à-Bras, Ronge-Foie, Tranche-Côte, Tourne-en-Fuite: Jongleurs, Trouvères, Ménestrels: Les "mieux disants", les "Chapel de Roses".

Jonglerie et ménestrandie. *Mystères* et *Miracles*: La création, le déluge, la destruction de Sodome. Limbes, pur-

gatoire, enfer et paradis tout doré. Diables vêtus de peaux de bêtes, agitant des sonnettes, hurlant, lançant des pétards devant le parvis des cathédrales ou faisant montre ou parade à travers les rues de la ville.

Le Mystère commencé, une journée ne lui suffisait pas pour une représentation, de dimanche en dimanche il se prolongeait pendant des mois parfois.

Le "meneur du jeu" (*L'ombre* du théâtre chinois ou le haut parleur du théâtre de Jean Cocteau), directeur de la troupe, fournissait l'explication de l'arrangement de la scène aux spectateurs.

"La Passion de Notre-Seigneur Jésus-Christ", "Jeu de la Résurrection", "Mystère de Sainte Catherine", etc.

Mystères et Miracles: premiers essais de poésie spatiale.

VIEILLES TAPISSERIES DE FRANCE

Les poètes tapissiers du moyen-âge ont créé l'harmonie des tons chauds, des bleus, des pourpres et violacés des vitraux: fresques polychromes des cathédrales, à variation de tonalités et de mystères.

Dans l'habilitation sous les plafonds en bois à solives apparentes, contre les vastes murailles sont accrochées les tapisseries, cette belle matière souple et transportable qui garnissait la tente du souverain ou du capitaine d'armes.

L'usage de la tapisserie fut longtemps le seul à remplir les vastes espaces muraux des riches demeures et châteaux.

Toute une poésie nouvelle s'inscrit aux murs froids féodaux, grâce à la gaude, à la cochenille, à la garence et l'indigo. Le "gros fil", le "fil délié", la "haute" et "basse lice".

C'était pour le poète tapissier un monde nouveau qui s'animait pour son émerveillement.

Aux jours de fêtes royales, seigneuriales ou religieuses ainsi qu'au tournoi, on déshabillait les froides murailles intérieures de leurs chauds revêtements poétiques pour les exposer en parade aux balcons et fenêtres des façades ou aux porches des églises, livrant au soleil et à la populace les feux de joie de leurs grâces.

Ainsi se coudoient dans l'espace des rues et places publiques les héros hellènes, chrétiens et bibliques dans un tournoi plastique tout vibrant de couleur de la poésie intérieure: L'Apocalypse, l'Histoire d'Alexandre le Grand, de Madame la Vierge, de Charlemagne et les neuf preux, du Saint Graal; La Dame à la Licorne; Faits et batailles de Judas Machabée; Les sept Arts, Les sept Sciences et les sept Péchés, allégories, moralités; pièces de vers, légendes ou rondeau, maximes ou rébus le sens symbolique expliqué.

PARADE DE "LA DAME A LA LICORNE"

(Interprétation libre des tentures de Nicolas Bataille, "La Dame à la Licorne", XVe siècle, Musée de Cluny, Paris)

Sur un beau parquet de fleurs rustiques, marguerites, fraises sauvages, pensées, pois de senteur, oeillets et trèfles rouges, se reposent, images tendres, chiens, lapins, perroquets, perdrix, agneaux, boucs, renards, singes et passereaux: petit paradis terrestre. Le lion fait le beau et porte le fanion, la licorne l'oriflamme et tient en équilibre sur son front l'unicorne baguette sidérale, clownesque parade au son de l'orgue de la Dame Vertu aidée par sa suivante Dame Charité qui manœuvre le soufflet. Tantôt la licorne et le lion entr'ouvrent la tente d'une patte et de l'autre présentent l'oriflamme, ou bien portent les écus et placidement les fanions.

La Dame pose sur le front de la licorne en équilibre sa baguette sidérale, ensuite la licorne les pattes avant posées sur les genoux de la Dame, regarde à la glace le beau tour de passe.

AGE — MODERNE

Cinéma — Ballets Russes et Suédois

CINÉMA: Libération du réel par l'irréel.

Le Cinéma dès ses premiers pas nous a libérés du réel par le rêve et apporté un nouveau sens à la fantaisie par le réel; et par la féerie des contrastes instantanés, simultanéité et ubiquité, un sens nouveau à la poésie spatiale.

Le Cinéma né il y a une quarantaine d'années est devenu rapidement une source permanente de poésie, si riche qu'il pourrait constituer, lui seul, un mobilier intérieur de poésie.

L'arroseur arrosé... L'enfant prodigue; Le Comte de Monte-Christo; La Glue; Les mystères de New-York; La Roue; Dom Juan, de L'Herbier; Le Cabinet du Dr. Caligari; Métropolis; Le miracle des loups; Le sang d'un poète, de Jean Cocteau; Un chien andalou, film surréaliste; Hallelujah!; Verts pâturages; L'Ange Bleu; La ruée vers l'or; Le Cirque; Tempête sur l'Asie; l'Opéra de Quat'sous; etc., etc., resterons toujours dans notre imagination, comme un beau tapis au mur nous entraînant simultanément dans un voyage mystérieux, comme un nuage rose devant un escalier.

BALLETS RUSSES: Pavlova, Nijinska, Karsavina, Nijinski, Massine, Fokine; Bakst, Roerich, Benoit, Larionow, Nathalie Gontcharova, Marie Laurencin, Derain, Matisse, Picasso, Surville, Chirico, Juan Gris, Pruna, Bauchant, Utrillo, Rouault; Stravinsky, Prokofief, Debussy, Ravel, Eric Satie, Darius Milhaud; Serge Diaghilev.

Shérazade, Oiseau de Feu, Pétrouchka, l'Après-Midi d'un Faune, Le Sacre du Printemps, Jeux, Le Dieu Bleu, Thamar, Le Coq d'or, Les Biches.

La Boutique Fantasque, peinture de Derain, musique de Rossini, danse de Massine.

Parade, poème ballet de Jean Cocteau, peinture animée de Picasso musique d'Eric Satie.

Le Train Bleu, poème de Jean Cocteau, rideau de Picasso, musique Darius Milhaud.

BALLETS SUÉDOIS: Jean Borlin; Rolf de Maré.

El Greco, Les Vierges Folles, Tombeau de Couprin, musique de Ravel; Ibéria, musique d'Albeniz; Dansgille, Nuits de Saint Jean. Les mariés de la Tour Eiffel, poème ballet de Jean Cocteau.

L'Homme et son Désir, poème ballet de Paul Claudel, musique de Darius Milhaud: mystère de la nuit dans la forêt brésilienne. L'impressionnant Skating-Rink, poème chorégraphique de Canudo, décors et costumes de Fernand Léger, musique de M. Honegger.

Les Ballets Russes et Suédois ont réalisés cette chose admirable: la vie, belle et capricieuse par la poésie.

Les ballets modernes issus de Russie et Danemark ont connus l'apogée par leur association à l'Ecole de Paris poétique, musicale et plastique.

Les ballets modernes venus trop tard dans un monde très standardisé ont vite connu la disgrâce des choses parfaites: l'indifférence du grand public. Le Cinéma par sa possibilité de projection simultanée d'un seul film dans toutes les salles du globe, allait porter atteinte à toutes ces initiatives complexes, personnelles et intellectives.

Les Journées Athlétiques, Football, Gymnastique, Boxe, Lutte, Escrime, Tennis, Aviron, Natation, Polo, Poids et Halteres, Courses à pied, 110 Mètres haies, Cross-Country, 1500 Mètres, 10 Kilomètres, Marathon, etc., "SPORTS", "VIIIe. OLYMPIADE", poèmes de Geo-Charles.

Par ces deux admirables recueils de poèmes "Sports" et "VIIIe. Olympiade", poèmes de la grande poésie spatiale, vastes fresques aux images atmosphériques où l'ampleur expressive atteint en beauté le large lyrisme du théâtre antique, Geo-Charles est le premier poète français qui ait fait entrer les sports dans la grande poésie.

T.S.F. Présence, ubiquité. Poésie des sauts dans le mystère des profondeurs relatives. Scénario vécu, plus tragique que le théâtre antique et plus humoristique que les parades de cirque par la poésie banale publicitaire des slogans quotidiens.

C'est encore dans le domaine des sables mouvants des ondes sonores de la T.S.F. qu'il revient à Geo-Charles de belles initiatives de poésie.

"Les Boxeurs", "La course des 3000 Kilomètres" ou les "Six Jours" sont des pièces radiophoniques de grande ambition d'ondes poétiques. A côté de ces œuvres de création, il a réalisé la fantasque adaptation au Théâtre Radiophonique du "Scarabée d'Or" d'Edgar Poe, traduction française de Charles Baudelaire, pièce qui obtint le prix du Grand Concours d'Adaptations du Théâtre Radiophonique de l'Emission de l'Etat Français, en 1939, deux autres de ses adaptations: "Maitre Valentin" de Hauffmann et "Les Brigands" de Schiller ont connu un égal succès.

QUADRICROMIE

QUADRICROMIE, reproduction parfaite des tonalités par le truchement de quatre couleurs.

Quatre couleurs, quatre éléments ou quaternaire universel.

Quatre parties du corps humain, quatre tempéraments.

Quatre évangiles, quatre points cardinaux.

Quatre saisons, quatre vertus cardinales.

Quatre, symbole du carré. Cube sur lequel repose la Poésie.

Aujourd'hui la poésie de plus en plus enrichie dans son mobilier, cherche son poète ou son Musée. En attendant elle s'abrite dans les réalisations éphémères, qui sont certainement les plus durables, dans un rapide "Trailer", sur les tréteaux des saltimbanques, dans un champ de football, dans le cirque dans un micro, chez les fous ou dans un Congrès de Poésie.

(Thèse présentée au PREMIER CONGRÈS DE POÉSIE DE RÉCIFE à sa première réunion le 24-4-41 par Vicente do R. Monteiro).

MOBILIÁRIO INTERIOR DA POESIA, ESTILO E QUADRICROMIA. — SÍNTESE DA HISTÓRIA DA POESIA ATRAVÉS DO SEU MOBILIÁRIO, DA PALEOLÍTICA AOS NOSSOS DIAS

Por VICENTE DO REGO MONTEIRO.

Este pequeno ensaio sobre o mobiliário interior da poesia não tem outro fim senão o de realizar uma viagem de atmosfera através da poesia pelo seu mobiliário.

Mobiliário interior da poesia não quer dizer estilo de móveis para a poesia. Para o verdadeiro poeta uma nuvem pôde ser um leito de colunatas e de baldaquino rosa. Um fragmento de chifre de rena esculpido e a camara de explosão de um cilindro de aço — ritmos novos para o seu atelier.

Às vezes uma arbaleta adquire a forma de um móvel gracioso e coquete. Um arco desenha uma cadeira de "boudoir" ou os contornos de um encosto de leito. Uma gaiola de passaros se transforma numa bela dama de anquinhas com arcos de balêia e ligas violetas; o papagaio se metamorfoseia em ganso branco.

É, aliás, por esse dualismo mágico-poético que distinguimos o legítimo poeta tapeceiro do frio e lógico pastichador.



MOBILIÁRIO POÉTICO QUATERNÁRIO

O primeiro esforço sério de poesia mural foi realizado pelos madalenianos.

Os mais belos especímenes de decoração parietal são ainda visíveis na caverna de Altamira, na Espanha, e na de Marsoulas (Alto-Garona), em França.

A decoração parietal com os seus grafitti e as suas pinturas policromas atinge ao seu mais alto grau de perfeição. Os poetas tapeceiros madalenianos tendiam para os motivos animalêscos. Gravados ou pintados nas paredes das cavernas, em Nioux, Combarelles ou Marsoulas, vemos bisontes, rénas, mamouths, cavalos plácidos ou saltitantes.

A figura humana era raramente representada, salvo no afresco policromico do rochedo de Cogul em Lerida (Catalunha): As nove mulheres em torno do sátiro: o feiticeiro mascarado dansando, da caverna dos Três Irmãos, e as figuras antropomorfas da Caverna de Marsoulas, França.

A etnografia atribue à arte madaleniana um fim exclusivamente mágico, sem a menor intenção decorativa.

Cavalos encapuzados, impressões de mãos, signos tectiformes, báculos, pontos vermelhos, feitiçaria, "envoutement", animismo, magia?

Magia, logo poesia.

O etnógrafo e o sociólogo que discutam!

Que importa a perspectiva? Viva o mistério!

Um belo esforço de poesia de aposento tinha nascido.



IDADE MÉDIA

Ogival primário, fulgurante, flamejante: florido de folhagens, de vinhas virgens, de fôlhas de couve e cerejeiras; de animais exóticos como coramento de balaústradas, monstros policéfalos, bêstas apocalípticas, dragões e quiméras, garguilhas se despejando das fachadas.

Toda a Bíblia, Velho e Novo Testamento. Belas e augustas imagens se acotovelando com seres disformes, careteiros, dragões alados, grifos, larvas, salamandras.

MISTÉRIOS E MILAGRES

"Arrache-Cœur", "Brise-Barre", "Brise-Tête", "Courte-Épée", "Courte-Barbe", "Fier-à-Bras", "Ronge-Foie", "Tranche-Côte", "Tourne-en-Fuite": "Jongleurs", trovadores, menestrels: Os "mieux-disants", os "chapel de Roses".

"Jonglerie" e jogos de menestrels. Mistérios e Milagres: a criação, o dilúvio, a destruição de Sodoma. Limbos, purgatório, inferno e paraizo dourado. Diabos vestidos de peles de animais, agitando campainhas, uivando, atirando petardos diante dos pórticos das catedrais, exibindo-se em parada através das ruas da cidade.

Iniciado o Mistério, não lhe bastava um dia para a representação; de domingo em domingo, êle se prolongava, às vezes durante meses.

O "meneur du jeu" (a Sombra do teatro chinês ou o altofalante do teatro de Jean Cocteau), diretor da "troupe", fornecia a explicação do arranjo da cena aos espectadores.

"A Paixão de Nosso Senhor Jesus-Cristo", o "Ato da Ressurreição", o "Mistério de Santa Catarina", etc.

Mistérios e Milagres: primeiros ensaios de poesia espacial.

VELHAS TAPEÇARIAS DE FRANÇA

Os poetas tapeceiros da idade média criaram a harmonia dos tons quentes, os azues, as púrpuras, os violáceos dos vitrais: afrescos policromos das catedrais, com variantes de tonalidades e de mistérios.

Nas casas, sob os tectos de vigas salientes, contra os vastos muros acham-se dispostas as tapeçarias, esta bela matéria maleável e transportável que guarnecia a tenda do soberano ou do capitão d'armas.

O emprêgo da tapeçaria foi, durante muito tempo, o único a encher os vastos espaços murais das ricas moradias e castelos feudais.

Toda uma poesia nova se inscreve nos frios muros feudais, graças à "gaude", à cochonilha, à garância e ao indigo. o "gros fil", o "fil delié", a alta e a baixa espessura.

Era, para poeta tapeceiro, um mundo novo que se animava para o seu deslumbramento.

Nos dias de festa reais, senhoriais ou religiosas, bem como nos torneios, desnudavam-se as frias muralhas interiores do seu cálido revestimento poético para exhibi-lo nos balcões e janelas das fachadas ou nos pórticos das igrejas, entregando ao sol e à população as côres alegres de sua graça.

Assim se comprimem, no espaço das ruas e das praças públicas, os heróis helenicos, cristãos e biblicos, num torneio plástico vibrante de cor da poesia de interior: o Apocalipse, a História de Alexandre, o Magno, da Virgem Nossa Senhora, de Carlosmagno e os nove Campeões do Santo Graal; a Dama do Licornio; Feitos e batalhas de Judas Macabeu; as Sete Artes, as Sete Ciências e os Sete Pecados; alegorias, moralidades; peças em verso, legendas ou rondós, máximas ou proverbios, o sentido simbólico explicado.

DESFILE DA "DAMA DO LICORNIO"

(Interpretação livre das pinturas de Nicolas Bataille, "La Dame à la Licorne", XV. século, Museu de Cluny, Paris).

Sobre um belo tapête de flôres rústicas, margaridas, cerejas selvagens, "pois de senteur", cravos e trêvos vermelhos, repousam imagens ternas, cães, coelhos, papagaios, perdizes, cordeiros, bôdes, rapôzas, macacos e pássaros: pequeno paraizo terrestre. O leão, com as patas esguidas, conduz o estandarte do licornio, a auriflama e equilibra na testa a vara sideral unicornia—desfile clownesco ao som do órgão da

(Continua na página 26)

(Diário de Pernambuco, 25-6-1941)

COUSAS DA CIDADE

ALGUNS NOMES DO CONGRESSO DE POESIA

O último número da revista "Renovação" publica algumas teses, lidas perante o Congresso de Poesia do Recife. Teses firmadas por nomes ainda pouco conhecidos do grande público que lê os jornais e as revistas literárias do Recife e do país.

Afirmo que são páginas das mais belas que tenho lido no jornalismo literário do Brasil. A tese de João Cabral de Melo Neto "Considerações sobre o poeta dormindo" é de um poeta e também de um pensador e de um escritor completo. O mesmo diria de Benedito Coutinho, falando de um poeta jovem, morto em pleno "elan", Benedito Monteiro. A única cousa que destoa do estudo de Benedito Coutinho é uma nota final, em grego, escrita num tom polemico. Acho que a polemica é a última das coisas para um poeta; e considero-a mesmo um gênero liquidado.

Uma nova geração que está surgindo agora promete-nos grandes nomes. Creio que desses dois poderemos esperar coisas muito sérias. Esse Congresso de Poesia pareceu a muita gente coisa de doido, coisa sem pé nem cabeça. Para mim, ele trouxe algumas revelações que considero surpreendentes. — Z.

P O E M A

Porque formas líricas, expressões cuidadas?
Porque aflicção na escolha de uma bela imagem
si as imagens é que devem se ajustar a ti?
Porque o martírio dos pensamentos coados,
quando és simples e boa, diafanamente boa?

São os instantes de entusiasmo e nunca os de amor
que incendeiam minhas frases pletóricas.
E me levam a ver-te nos céus altos,
no ar, na luz dos meios-dias,
na voz das frondes e dos ventos emissários.
Os instantes de amor nunca serão esses
em que surges alternada com outros pensamentos
na variedade ondeante daquilo que meus olhos vêem
e minhas mãos humanas
não vivificadas pelo bafo do espírito sentem.

Não sei porque formas líricas ou imagens,
nem expressões de estilo, que todas magras serão,
mais que magras, falsas e negativas
não comunicando nem expondo ao rumor do mundo
a verdade impalpável e intransponível do que és em mim.

Meu instante de amor é este precisamente.
Este instante enorme, sem palavras, sem nada,
que me vem sem esforço, sem apelos,
porque está em qualquer momento de minha vida.
Nesse instante é que te encontro sempre,
é onde sempre estás com a tua eterna presença.

MANUEL CAVALCANTI.

RIO, Junho, 41.

"Itinerário de América"

Guerra de Holanda

Não me recordo de ter encontrado, nas Américas, outro mensário de cultura ameríndia que se rivalize com esse "Itinerário de América", publicado em Buenos-Aires. Garcia Mellid, seu diretor, jovem batalhador argentino, braço selvagem esgrimindo a pena como se fosse uma espada, acende clarões de um patriotismo nativo na alma de seus leitores indo-americanos. E esse seu ardente e alucinado amor à terra que é nossa, converte prosélitos que sentem, já, a "aurora americana" aluminando, com cintilações rútilas, a paisagem nova de uma nova Época espiritual.

México, com "Ruta", Cuba com "Cervantes", Guatemala com "Revista de Educación", e muitos outros países com outros periódicos, colaboram com os pensadores argentinos, nessa cruzada política de soerguimento moral e cultural do Continente colombiano. O "Itinerário", que Garcia Mellid me envia mensalmente, entre todos, é o que melhor traça o roteiro da América.

A Europa é um continente em chamas, e não pode, absolutamente, servir de modelo civilizador a um Continente-Menino. Voltemos, por conseguinte, as nossas vistas para nós mesmos e encontraremos nas energias latentes da raça nativa, uma "igara" que será um símbolo de trabalho, e um "tacape", uma atitude de força, um gesto de defeza, contra aqueles que quizerem violar as fronteiras de nossa geografia.

As nações americanas, em Havana, fumaram o cachimbo da paz e da solidariedade.

A conferência de Cuba foi o abraço cósmico, o grande abraço telúrico, das regiões pacíficas de aquém-atlântico. E nós, operários ou intelectuais, não podemos fugir ao juramento conciente e patriótico que foi prestado solenemente, em uma hora difícil, quando periclitava toda uma civilização. Os pensadores americanos, seus poetas e seus filósofos, seus jornalistas e seus sociólogos, têm a missão de entrelaçar, num movimento de simpatia, todas as pátrias de Simón Bolívar. E isso tudo, porque os americanos são irmãos; filhos do mesmo continente e almas da mesma cultura!

"Todos por um e um por todos", é o nosso lema político, e os jornais das Américas vêm, unanimemente, pregando esse credo de confiança recíproca. E os mensários de cultura, baseados na história e na sociologia, explicam cientificamente, à luz clara de argumentos irrefutáveis, a razão dessa atitude. Uma atitude conciente da inteligência americana. Inteligência que tem seu expoente máximo no mensário de Garcia Mellid. Esse mensário que nasceu para propagar uma ideologia, uma ideologia fundamentada em nossos interesses econômicos e morais. Oportuno, porém, é salientar a missão eminentemente cultural do "Itinerário de América". Um jornal que não se confunde com um pamphlet de propaganda eleitoral, porque é "todo lo que passa en América en matéria de cultura". Poesias, conferências, contos, ensaios científicos, teatro, tudo que diz respeito às criações do espírito, em forma de letras, de ciências e de artes. Mas do espírito aborigine da América, que estava latente em nossa raça, e rebentou, agora, com uma força indomável, com uma audácia bárbara, numa explosão de seiva. "En Mejico y en Perú fueron destruidas civilizaciones en las que Europa hubiera podido instruirse. J. W. Drapper." Em outra coluna: "La inteligencia americana es un penacho indígena. No se ve cómo del mismo golpe que paralizó al indio se paralizó a América? Y hasta que no se haga andar al indio, no comenzará a andar bien la América. José Martí."

Pode haver exagero nesse nativismo selvagem; mas "Itinerário de América" é, inconfundivelmente, a mensagem de uma nova cultura à geração nova do Novo Continente.

CAPITULO DE ROMANCE

CLEODON FONSECA

SEU Augusto cariciou o violino.

Uma introdução de valsa, coisa antiga e saudosa que sempre costumava tocar nos tempos do cinema falado.

A mão trêmula fez deslizar o arco sôbre as cordas. O vento ia carregando a música...

Ouviu um soluço, do outro lado. Parou, o gesto gravou-se na imobilidade.

Há dias que estava suspeitando. Não, só podia haver qualquer coisa de mais. Notava. "A menina anda triste". Mas, o que teria acontecido? Alguma coisa estava chamando a sua atenção, já não podia recordar, com sossêgo, as suas músicas, preocupado, o pensamento inclinado para o outro lado, para bem junto de sua casa, bem juntinho do seu quarto.

O soluço repetiu...

Num gesto inconciente, voltou-se para a parêde. A parêde estabelecia a separação entre os dois, formava o enigma. Pôs o violino em cima da mesa antiga, sem olhar no que fazia, as mãos tremendo, os olhos crescidos de preocupação, levantou-se e caminhou para sair.

Na sala, a irmã puxou-o pelo braço.

— Onde vai?

Os olhos de Seu Augusto indicaram. A palavra não saiu da bôca. Só os olhos diziam... Quiz se desprender da irmã, não pôde. As duas mãos o seguraram com fôrça.

— Não vá. Deixe. É coisa que só interessa a eles, não a você.

— Mas a menina está sòsinha... Precisa...

— Não precisa de nada. Volte! Isso passa...

Seu Augusto voltou para o quarto. Uma coisa lhe preocupava: Mariêta estar sòsinha. E por que não socorrê-la? Por que? A interrogação morria no silêncio... E, agora, o silêncio era demorado. Tinha acabado o soluço? E o que havia? Os olhos caíram em cima do violino, o pensamento se inclinando para a casa visinha. A mão alisou as barbas brancas. "Como é que a menina sofre assim!" Interrogações iam se sucedendo. Seu Augusto não compreendia, não podia compreender que os moços pudessem chorar. A mocidade, para êle, devia ser tôda alegria, devia ser tôda esperança, entusiasmo, vontade de viver e nada mais. Êle, sim, é que bem podia chorar. Caminhando, sem jeito, para a morte. Êle é que devia chorar.

A atenção atravessada pelos pensamentos, atravessando a parêde do quarto, morrendo, exausta, sem descobrir, ao certo, o que tinha havido ali naquela casinha, o que tinha havido com aquela criatura que sempre lhe pareceu tão alegre, despreocupada, feliz na sua modéstia, feliz.

As mãos magras suspenderam o violino. Ia continuar, mas a valsa não chegou. A valsa? Qual? Balançava a cabeça, a memória não estava ajudando.

Um outro soluço atravessou o quarto, a parêde, foi até aos ouvidos de Seu Augusto. Parecia um choro feito de intervalos, mas, quando chegava, era impetuoso, único. Trazia todo o impeto das vontades indomadas.

Não, ali não podia mais ficar. Não podia.

Seu Augusto caminhou para a sala de jantar. Os dois braços caídos, o arco em u'a mão, o violino em outra, os olhos bem abertos, como si estivessem distantes do ambiente. Atravessou a sala. Abriu a porta que dava para a praia. Saiu. Noite escura. O mar fazendo barulho... Caminhou para o lado de lá. Mais adiante, parou, como uma sombra perdida, inclinou-se para o chão, a areia fria, bôa, suave, ficou deitado quási, apoiado no braço esquerdo que fazia ângulo. Estava inquieto. Procurou nova posição. Duas vezes quiz iniciar, começar a tocar, ali sòsinho, mas os sons deformavam-se como gemidos à-tôa...

Lembrou-se de uma canção antiga. Ia começar. Mas, lá veio a lembrança daqueles soluços e a mão trêmula ficou parada. Porque si comesse, a canção, de tão saudosa, encontrando-o assim como estava, podia também chamar o seu pranto. E era triste chorar.

DESOLAÇÃO

ROCHA FILHO

Uma noite imensa desaba sôbre a cidade submersa.
Algas disformes boiam à superfície das águas estagnadas
Até parecem os seios putrefactos das mulheres
jamais amadas e nunca possuídas.

E tuas mãos pálidas se desenharam na imensidão da noite
[subvertida,
tuas mãos pálidas que entrevi no dia em que partiste,
com gestos inquietos de pássaros encarcerados,
acenando desesperadamente.

Na grande noite, sinto que a luz me fôge dos olhos,
que os meus braços estão inertes,
que os meus pés são enormes e pesados
e que irei irremediavelmente desaparecer
na grande vorágem da angústia universal.

— Por que me abandonaste?

U M I N T E R P R E T E A M A R G O D O R O M A N T I S M O

MÁRIO PESSOA

(Especial para RENOVAÇÃO)

(Conclusão)

O poeta, que daria margem aos devoradores da literatura sexualista a pensar em aberrações clamorosas, teve ao que parece, vida sem profundas sensações. Conheceu, na verdade, estas grandes mártires do sensualismo humano, mais infelizes que pecadoras, as que empregam o capital insubstituível da formosura sem a recompensa de um afeto, esperando as mais ditosas u'a morte romântica a Margarida Gautier. Talvez fôsem o substitutivo do amor ideal e inatingível do autor de "Spleen e Charutos". Mas, a verdadeira vida de Álvares, essa dedicou-a êle aos livros. Foi um estudioso no sentido rigoroso da palavra. Filho de estudante, nasceu em São Paulo, aos 12 de Setembro de 1831, em casa d' seu avô materno, o conselheiro Joaquim Inácio Silveira da Mota, próxima da Academia, conforme escreve a sua irmã ainda viva D. Maria Francisca. Seu pae, Inácio Alves de Azevedo, foi advogado na Côrte, tendo se casado com D. Maria Luiza Carlota Silveira da Mota, a que viria a inspirar-lhe os sentidos versos:

"Es tú, alma divina, essa madona
Que nos embala na manhã da vida,
Que ao amor indolente se abandona
E beija uma criança adormecida

.....
E se pálida sonhas na ventura
O afeto virginal, da glória o brilho
Dos sonhos no luar, a mente pura
Só deliras ambições pelo teu filho!

Pensa em mim, como em ti saudoso penso,
Quando a lua no mar se vai doirando;
— Pensamento de mãe é como incenso
Que os anjos do senhor beijam passando.

.....
Sufocando a saudade que delira
E que as noites sombrias me consome,
O nome dela perfumar na lira,
De amor e sonhos coroar seu nome!

Nos princípios de 1840, inicia Álvares os seus estudos no Colégio Stoll, vindo aí a formar a esplêndida cultura humanística terminada no Colégio Pedro II, onde se bacharelou em 1847, aprovado plenamente. Naquele tempo a distinção era cousa raríssima. Não havia a putrefação do artigo 100, comércio rendosíssimo nas mãos de pedagogos sem compostura. Iniciou os seus estudos de Direito na Faculdade de São Paulo, habitando nesta cidade a Chacara dos Ingleses. Fôram seus companheiros Bernardo Guimarães e Aureliano Lessa. Nesse período, de 1847-1851, escreveu a maior parte do que nos deixou. Na Faculdade salientou-se no estudo do Direito Romano e do Direito Comercial. Em 1851, a 25 de Abril morria no Rio de Janeiro, vítima de um tumor na fossa iliaca. "Que fatalidade meu pai!" — fôram-lhe as últimas palavras. Antes do desenlace pediu a mãe para retirar-se. Morreu reconciliado com a Igreja. A sua irmã predileta, Maria Luiza, sobreviveu-lhe dois anos apenas. Notáveis fôram os progressos realizados por Álvares de Azevedo no Colégio Stoll. O diretor, em uma das cartas dirigidas ao pai de nosso poeta assim se exprime: "Notre petit héros fait toujours ma gloire et mon bonheur". No Colégio Pedro II, teve como preparador o barão de Planitz, sábio poliglota, de que o discípulo guardaria amorosa lembrança. Na 6.ª série do curso ginasial, ensinou-lhe filosofia o autor de "Suspiros poéticos e saudades": Domingos José Gonçalves de Magalhães, futuro Visconde de Araguaia. Em 1847, terminou o curso com a menção honrosa. São Paulo, a cidade triste, de casário enegrecido, era o cenário onde o nosso lírico fôra embeber-se de melancolia. Lá, escreveu a maior parte da sua obra, teatro das suas amarguras e dos vícios que forçava por contrair. Tentou distrair-se das suas dolorosas cogitações, procurando alguém que lhe pudesse servir de objectivo amoroso. Falhou a sua expectativa. Foi nesse ponto de um insucesso completo. Não conseguiu fazer-se amar por uma virgem. Entregou-se às perdas como derivativo para as suas ansias de coração. Mas isso o fez sempre sob os mais veementes protestos dasu'alma que era pura e sonhava um ideal de perfeição. Êle foi verdadeiramente falando uma grande antítese entre o sonho e a realidade. Ninguém melhor que êle interpretou a angústia desses contrários. Toda a sua obra é reflexo constante desse aflitivo problema ético que o oprimia. Sofreu porque, como muitos, não conseguiu realizar este complexo de afetividade que é o amor ideal, esse amor que êle definira, pela boca de Satan: "é o vapor do coração que embbeda os sentidos". E a sua descrença positivada pela comparação irônica: "As mulheres são como as espadas, às vezes a bainha é de ouro e de esmalte e a folha é ferrugenta (Macário, pg. 259)". E as suas pungentes inquietações êle ainda as definira pelos lábios

de Macário: "Vinte anos. Mas o meu peito tem batido nesses vinte anos tantas vezes como o de um outro homem em quarenta". Os versos seguintes, extraídos da poesia "12 de Setembro" traduzem o insucesso sentimental do autor:

"Eu vaguei pela vida sem conforto
Esperei o meu anjo noite e dia
E o ideal não veio...
Farto da vida, breve serêi morto...
Nem poderei ao menos na agonia
Descançar-lhe no seio...

Um imaginativo amoroso, que chegou a considerar a mulher um dos elementos da natureza, ao lado da agua, do ar, da terra... Êle possuía verdadeiro fetichismo pelos seios feminis, a que chamava "limões de marfim", falando repetidamente sobre êles em "Seio de Virgem", "Minha Musa", "Malva-Maçã", "Pensamento d'Ela", etc., não teve recompensa para êsses excessos de dedicação... E o seu tormento, espécie de agonia milenar, se traía pelo uso repetido de certas expressões, como "Palpebras sombrias", encontradas em "Pôr que mentias?", "Lélia" e "Sombra de D. Juan"...

O poeta de "Meu Anjo", onde patenteia o humour, e que viria a inspirar a Castro Alves, com os versos de "12 de Setembro", a poesia "O Século", é positivamente alguma coisa de extraordinário que o Brasil, tão fértil em gemas preciosas, só poderá produzir um, de cem em cem anos...

E querem mais outro trecho de Castro Alves inconscientemente rimado à maneira do autor de "Noite na Taverna"?
Diz-nos Álvares em sua poesia "Morena":

"Não suspires! por que suspirar?
Quando o vento num lírio soluça
E desmala no longo beijar,
E ofegante de amor se debruça...

Escreve Castro em "A Tarde":

Era a hora em que a tarde se debruça
Lá d' a crista das serras mais remotas...
E d' araponga o canto, que soluça.

.....
"Terza Rima" e "Despedidas" são outras duas joias, que se encontram na "Lira dos Vinte Anos".

Os estudos criticos do nosso poeta se caracterizam pela abundância de conhecimentos que êle forçava por demonstrar. A "Noite na Taverna", narrações fortes ao lado de pinturas exageradas ainda hoje se lê com satisfação. Mas, o seu drama "Macário" tem verdadeiros pedaços da imensa tragédia humana. Há pensamentos felizes e imagens artisticamente concebidas. O amor sensual define-o "A troca de duas temperaturas". Aí, pinta-nos o artista o seu tipo feminino: "Notal que por beleza indico um corpo bem feito, arredondado, setinoso, uma pele macia e rosada, um cabelo de sêda-frouxa e uns pés mimosos"... Em "Eutanázia" lê-se belíssimas imprecações, onde a linguagem se reveste de harmoniosa afetação. Álvares era de ânimo retraído. Um bisonho no sentido amplo do termo. A tristeza biológica se lhe unia aos primeiros revezes da luta pela vida. A sua morte, êle a previu, como verdadeiro presbita, como se já entendesse os mistérios profundos da outra vida... Grande estudioso, o pae satisfazia-lhe o desejo insaciavel de leituras fornecendo-lhe o que melhor se publicava na Europa.

D. Maria Luiza, a mãe de Álvares de Azevedo, teve contudo uma compensação em toda essa tragédia: não sofreu a competência no amor que lhe dedicava o filho. Não conheceu a concorrência de mulher estranha nos afetos que lhe eram mais caros. Concorrência naturalíssima que os costumes seculares estabeleceram, mas que as mães ainda continuam a sentir com o mesmo zelo da leão pelos cachorrinhos. Ela foi verdadeiramente a musa do seu filho, que em versos lhe tributou a gratidão, oriunda de uma dívida impercível: os sacrificios da maternidade...

Como epistológrafo não são de desprezar as cartas transcritas nas suas "Obras Completas". As dirigidas à mãe e à irmã trazem o sinal de puríssimo afeto. As endereçadas ao seu amigo Luiz têm um aspecto literário bem assinalado. Além disso aduzem um traço biográfico firme. A carta datada de 1.º de Março de 1850 é hino de tristeza, onde o poeta conta as ansias de u'a alma devorada pela dúvida e pelo desencantamento. E sempre enamorado so vislumbra no amor a sua salvação: "Disse-t'c eu: há uma única cousa que me pudesse dar o alento que me desmala, uma mulher que eu amasse".

Eis o homem que possuía tesouros de amarguras e abismos de afabilidade que sendo um dos maiores sentimentais das nossas letras foi ao mesmo tempo uma realização de cultura nos bancos acadêmicos; que estimou a ficção e a ciência; que se foi grande no estudo do árico e prático Direito Comercial foi ainda maior nos devaneios do irreal, do lírico, do fantástico; que sofreu e ainda reflete, passado quasi um século, os ressaibos do seu sofrimento...

Dezembro de 1928

O vapor em que viajo aproxima-se, à noite, de S. Salvador.

A iluminação pública está parada, funcionando, apenas a iluminação particular.

Maravilhoso espetáculo de assombração!

De dentro das trevas as janelas quadradas dos prédios coloniais lembram essas máscaras humanas, construídas com cabaços ôcos, guardando no bôjo uma tocha acesa, tão característica dos "Bumba-Meu-Boi" do Nordeste.

A figura esguia do Elevador parece um Fantasma — um "Papa-Figo" de minha terra, disposto a tragar os transeuntes incautos...

Tudo é Mistério... Sombras... Alucinação...

"Odé, olé,

Bomilê!

Paruafá,

Bomilê,

Odé...!

Súbito uma lua papuda vai se erguendo das ondas do mar!

A lua!

— "Yamanjá,

Na saferêê,

Yamanjá!"

O adiantado da hora não permite saltar em terra.

Do buraco de meu beliche não me canso, entretanto, de contemplar extático a cena das "Mil e uma Noites"...

Adormeço acalentado pela idéia de encurtar o tempo e por-me em contacto com a terra, do Senhor do Bomfim!

Amanhece.

O cais se vai enchendo de coisas vistosas:

Bananas, laranjas, umbús, arachás..

Vozes mulatas ecoam no espaço

— Arreda mais um pouco prô lado, meu irmão!

— 5 por 200 reis, Yoyô!

— Cada pacote um tostão, Yayá!

Desço o navio em busca da cidade.

Os bondes gordos, as igrejas gordas, as mulheres nem é bom falar...

Duas negras velhas com trouxas de roupas enchem o banco do bonde de canto a canto.

Não há segundas classes.

Coletivismo...

Tomo um automóvel para subir à cidade alta.

Dou o endereço da preta Eva: Rua das Campêlas n.º não sei quanto...

Preciso encomendar um almôço da terra, com carurú e vatapá.

— Qual é o peixe, minha velha?

— É garôpa Yoyô!

— Uma garrafa de vinho verde português; um pouco de gélo; pimenta; dendê...

— Está certo, Yoyô.

O automóvel ruma para Amaralina.

O baiano se orgulha de sua avenida-beira-mar...

Não é propriamente uma avenida-beira-mar, porque aqui e acolá o caminho se afasta de praia, que logo surge, entretanto, em todo o esplendor da paisagem tropical.

Faz-me companhia uma deliciosa figurinha de alemã, que eu conheci a bordo.

Nesse tempo as alemãs não possuíam cruz swastica. A cruz delas era a mesma nossa, que serviu para suplício de Jesús!

Trata-se de uma adorável figura de Sigling, a quem estou quasi a pedir que me dê a beber, mesmo sem "corno de ouro" o delicioso nectar do seu amôr...

Contenho, porém, o meu temperamento brasileiro.

Sigling aponta as espumas brancas, o azul macio do céu o verde profundo do mar...

Louvamos juntos o esplendor da luz da manhã de verão e falamos de Wagner, das Walkirias, da espada do Warttan...

E só...

Sigling me acompanha à casa da preta Eva.

A toalha impecável convida a gente para almoçar...

Duas negrinhas também vestidas de branco servem as comidórias.

— Ó a Baía da Rua das Campelas — coração do Brasil.

Estou certo de que nada mais afirma as pátrias do que as comidórias.

Evoco as figuras lendárias de meu Pernambuco tradicional:

— Mesas que não deixavam nunca de estar postas.

— Leitões servidos inteiros em pratos espetaculares.

— Buxadas de bodes capados, tratados com três facas uma para a sangra, uma para a raspagem dos fatos, outra para comer...

Pitús de côco, peixe de côco e doces de nomes tão ternos que até parecem poemas:

— Baba de môça!

— Engorda marido!

— Cocorotes de Sinhá!

Entramos no carurú e vatapá.

Como sobremesa, doce de côco, doce de arachá...

A preta Eva anuncia para o dia seguinte uma galinha de Oxinxin...

Amanhã, que pena, estaremos por estas horas entregues à paisagem monótona do mar...

Sigling me acompanha a ver a cidade.

Vamos visitar as igrejas:

São Francisco tradicional!

Ouro, ouro, ouro...

Colunas de Salomão tôdas de ouro...

Esculturas soberbas! Paineis...

Os dois altares laterais ao altar-mor deslumbram pela beleza da concepção.

Que sentido profundamente humano na expressão de canção das gigantescas figuras que sustentam nos ombros o nicho dos santos!

Voltamos à cidade para tomar um refrigerante.

A rua Chile está movimentadíssima.

Numa praça cartazes negros escritos a giz anunciam os enterros do dia:

"Cada terra com seu uso.

Cada roca com seu fuso"...

Vamos à "Baixa do Sapateiro".

Subimos e descemos acolhedoras ruas tronchas se despenhando de ladeira a baixo...

— Sugestões da Argélia — Casbah!

Do alto do Elevador contemplamos a baía maravilhosa! Lá em baixo o "Club de Tenis"! As Docas!

(Continúa na página 24)

Vicente do Rego Monteiro é, inegavelmente, um dos espíritos mais originais que eu conheço na cidade.

Como artista, entretanto, parece que não vive entre nós. Tanto faz estar preocupado com a paisagem da cidade, como, de uma hora para outra, alheio à geografia, atendendo *l'appel de l'archipel aux esclaves*, inebriar-se “da celeridade das coisas imóveis” ou “da clareza das coisas obscuras”. Tanto faz deter-se, vendo “Recife — Grande espelho refletor de fabuloso cinema”, como em *U'A MANHÃ EM ALGUM LUGAR NA EUROPA*, comover-se, na hora em que “o sol em oblíquas projeta as linhas sinistras da guilhotina contra o muro da prisão”. Basta ler os seus *POEMAS DE BOLSO*, livro distribuído pela Editora RENOVAÇÃO. É nessas páginas cheias de cores e de reflexos, que vamos presenciar uma das experiências poéticas mais interessantes e absurdas, uma espécie de fuga sem nenhuma finalidade. Raramente, Monteiro se preocupa com os caminhos do lirismo profundo — ou, quasi nunca se preocupa com esse lirismo que é irmão verdadeiro da poesia. Ao contrário: procura outra atmosfera. E é interessante que, na sua liberdade, há um estranho paradoxo: Vicente é mais um técnico do que mesmo um poeta. Os seus poemas têm a preocupação das cores, a simetria das paisagens, a opinião telegráfica das distâncias, o ritmo de algum dinamismo perdido, tudo em louca movietone confusa e atraente.

TRAILER, por exemplo, nas

“... heures violentes
ou nos idées sont
les reflexes de nos
rapports avec

l'Auto et l'Avion...

Ele vê Recife através de um prisma.

“À noite tua sala de projeção
é um vasto cenário para contemplação”.

Há um poema, entretanto, onde, do último degrau da técnica, o autor anula a realidade das coisas, numa visão magnética. É na *CHAMADA DO ARQUIPÉLAGO DOS ESCRIVOS*. Ele e a Amada hão de se inebriar até

“Do dinamismo do peso morto.
Da inteligência dos sólidos.
Da grandeza dos átomos.
Da profundidade das superfícies.
Da pequenez das coisas incomensuráveis.
Da velocidade estática dos
astros eternamente se olhando.
E da perpétua mocidade
instantânea.”

Em tudo e por tudo, é preciso conhecer esse espírito original que faz poemas, tendo nas mãos os instrumentos do pintor. Mais intelectual, mais técnico, do que mesmo sentimental. Esse Vicente Monteiro que, em bôa hora, acorda a cidade para presenciar os seus vôos imaginativos — da região das cores para uma desconhecida atmosfera de ondas magnéticas.

Agora, vamos ao país da cerejeira. Os *CADERNOS DA HORA PRESENTE* acabam de editar *FÓLHAS DE CHÁ*, da autoria do poeta Oldegar Vieira. São *haikais* interessantes — cheios de natureza. Uma constante preocupação pelas paisagens antigas, que o autor relaciona com a amada, motivo da sua poesia, a amada que a natureza cerca, cercam as estrelas e tudo nasce em razão dela.

Entretanto, em sua maior parte os *haikais* do poeta baiano deixam a desejar. Não pelo pouco valor. Mas, pelo apêgo a certas imagens repetidas que ficaram lá atrás... Mas, como sabemos, o poeta não é obrigado a ser “notável” em tudo o que faz. A emotividade, às vezes, está impregnada, está saudosa de coisas fáceis. É o que se dá com a poesia de Oldegar Vieira. Vale a pena entretanto, transcrever criações como *POETA*:

“— Quem foi que apagou
a iluminação da rua?
— Um amigo da lua.

Outro, digno de ser lido é *SAMARITANA*:

“Derrama no cântaro
dos meus ouvidos sedentos
tôda a tua música.”

E o livro continua... O leitor vai andando em áridos, mas, de vez em quando é obrigado a parar como em *SOLILÓQUIO DO APAIXONADO, COMO AS ESTRELAS SURGEM, A EVIDÊNCIA DE UM DETALHE, A POESIA DOS SINOS* (interessante sugestão de paisagem), *CAIS DO PORTO, ARREPENDIMENTO DE TER DESPERTADO, DETALHE DE MÚSICA* (“Pentagrama vivo: cantam passarinhos nos fios telegráficos”) e outros como *DEPOIS DO ROMPIMENTO, CONFIDENTE E TESTEMUNHA, FLORAÇÃO, MESMICE, ANGELUS*.

Fóra o central, há vários motivos. E sobretudo as flôres, como este *VERDE E AMARELO*:

“Florindo um canteiro
margaridas do Japão...
— festa nacional!”

As margaridas que ainda vivem nos canteiros calados, onde as dinamites não chegaram...

"REVISTA CONTEMPORÂNEA"

Recebemos o número de Agosto da "Revista Contemporânea" que se edita em Fortaleza.

Sensivelmente melhorado no seu aspecto exterior, este número contém excelente matéria literária e poética.

A colaboração pernambucana é numerosa, destacando-se poemas de Deolindo Tavares, Vicente do Rêgo Monteiro, Cláudio Tuiuti Tavares e Mauro Mota.

Otacílio Colares assina uma simpática notícia sobre os "Poemas de Bolso" de Vicente do R. Monteiro, enquanto Lêdo Ivo envia, de Alagoas, uma compreensiva nota sobre a poesia de Aluizio Medeiros.

A destacar ainda uma longa reportagem de Hodson Menezes em torno do 1.º Congresso de Poesia do Recife e da qual recolhemos as fraternais palavras de Antonio Girão Barroso, Aluizio Medeiros, Otacílio Colares, Milton Dias e Raimundo Ivan.

ALGUNS DADOS SOBRE AS REALIZAÇÕES DOS GRANDES MOINHOS DO BRASIL S/A "MOINHOS RECIFE" E SUAS OBRAS DE ASSISTÊNCIA SOCIAL

Magnificamente instalado num edifício de grandes proporções, junto ao cais do porto, funciona o "Moinho Recife", explorando a indústria de moagem de trigo. O que representa a sua produção no palco industrial do nosso Estado, é sempre traduzido como um justo orgulho, porque a esta alta capacidade de trabalho, vis-à-vis do mais moderno desenvolvimento técnico industrial.

Iniciando o seu funcionamento em 1920, conseguiu desde logo o "Moinho Recife", firmar um elevado conceito nos mercados de toda a sua zona de atuação, ou seja em todo o norte do país, e hoje a sua produção diária de 3.500 sacos de farinhas e 1.500 de farelo, é disputadíssima nos meios consumidores. Nos seus 24 silos, tem capacidade para armazenar 9.000 toneladas de matéria prima, que é descarregada dos vapores por processo mecânico, passando por uma ponte que liga o edifício ao cais e que é servida de esteira transportadora; essa esteira também se presta para o embarque da mercadoria fabricada pelo Moinho.

Há no edifício uma perfeita instalação de "sprinklers" do sistema "Grinell", contra incêndios, que ao contacto da mão do homem, ou automaticamente, desde que a temperatura se eleve a 60 graus centígrados, funciona em todas as secções. Os seus maquinismos, dos mais modernos e eficientes, são ainda constantemente renovados com a adaptação do que melhor a técnica da moagem na sua constante evolução produz.

ASSISTÊNCIA SOCIAL

Reunindo um grande número de funcionários e operários, o "Moinho Recife" sempre lhes dispensou boa assistência social, destacando-se um refeitório, seguro contra acidentes, auxílio medico-farmacêutico, auxílio pecuniário em período de doença, e ultimamente, uma aprazível Vila com 66 bungalows que lhes são alugados modicamente.

Lembre-se que a Fortuna só irá á sua casa se você for á Casa da Fortuna.

○○○

Rua 1.º de Março n.º 99
ou á sua filial, Praça Maciel
Pinheiro n.º 848

PAPEL CARBONO

ROPER 120

O melhor papel carbono para maquina de escrever

Á venda na

LIVRARIA UNIVERSAL
50 - Avenida Rio Branco - 50

RECIFE

Essa vila que o "Moinho" fez construir para o seu pessoal, representa uma patente demonstração de solidariedade á Campanha Contra o Mocambo, arduamente sustentada pelo atual Interventor Federal no Estado, Dr. Agamenon Magalhães.

Construída no centro da cidade, em bairro dos mais progressistas, a "Vila Moinho Recife" oferece um lindo aspecto, com as suas casinhas modernas e ajardinadas.

Integrando-se assim, na obra de engrandecimento da indústria nacional e cooperando para o levantamento do nível de vida do homem brasileiro, firma-se o "Moinho Recife" como verdadeira organização de trabalho em nossa terra.

Fator de progresso e de felicidade social, essa Empresa ufana aos pernambucanos pela imponência das suas instalações e pelo alto prestígio do seu nome.

Eis aqui num rápido resumo o que é o "Moinho Recife", cujos produtos encontram por toda parte uma aceitação cada vez maior, mercê dos métodos escrupulosos de sua fabricação e da sua qualidade uniformemente superior.

USEM DE
PREFERENCIA O CALÇADO
"COMBATE"
FORTE E BARATO

Severino de Vasconcelos & Cia.
RUA DA PRAIA, 83
RECIFE

HORACIO SALDANHA & Co.

IMPORTADORES DE CARVÃO DE PEDRA
SERVIÇOS MARITIMOS

End. Tele. HORACIO CAIXA POSTAL 140

Avenida Marquês de Olinda, 143
1.º ANDAR
TELEFONE 9144 — RECIFE

Sociedade Anônima Magalhães

Filial RECIFE - Caixa Postal, 19
Endereço Tel.: RECIDOURO
Rua do Apolo, 53 - 59

Distribuidores dos Oleos "Mobiloil" Maquinas agrícolas "Internacional". Agentes da Cia. COMERCIO & NAVECAÇÃO, da Cia. de SEGUROS DA BAÍA -- Estivas em geral

B A f A
ASCENSO FERREIRA

(Continuação)

Ao longe, o "Senhor do Bomfim! A Ilha de Itaparica de onde vem o azeite de dendê, o Forte de S. Marcelo, que vomitou fogo sôbre a cidade...

O vapor apita a 1.ª chamada.

Partimos cheios de recordações amáveis.

— Adeus, morena do cabelo cacheado!

— Adeus, Yôyô!

— O Senhor do Bomfim vá em sua companhia, Yayá...

Janeiro de 1941

O vapor atraca no cais quasi deserto de côres.

Não há laranjas, não há bananas, nem vozes carinhosas de Yoyô e Yayá!

Também quem desembarca agora na Baía não é o poeta Ascenso Ferreira, autor do "Catimbó" e do "Cana Caiana", em busca de motivos regionais...

É o Diretor da Receita do Estado de Pernambuco, que vai à Conferência Geoeconômica, para reforma da legislação tributaria do Brasil!

Cumprimentos afetuosos do Govêrno do grande Estado.

Reporteres pedem entrevistas apressadas. Batem-se chapas lombrosianas e sigo apressado para o hotel.

Magnífica impressão dos preparativos dos trabalhos.

A ordem impera em tudo.

A administração baiana se afirma eficiente em todos os departamentos por nós visitados, notadamente na Secretaria da Fazenda, entregue à segura orientação desse perfeito homem de Estado, que é o Dr. Costa Lima.

Porém, dentro da carcassa do Diretor da Receita o incorrigível poeta está escondido.

E êle quer ver a Baía das suas assombrações de 1928, a Baía de suas gratissimas recordações...

Cadê ela, porém?

A preta Eva morreu.

Foi enterrada de acôrdo com sua ceita Nagô, segundo o caixão no ombro dos Babalorixás, obedecendo ao ritual de três passos para adiante e dois para traz...

— 3 passos para a frente: o dever impõe!

— 2 passos para traz: a saudade não quer!

Por tôda parte destruições...

Parece até que a cidade está sendo bombardeada.

Foi-se embora a Sé e estão sendo levados no arrastão quarteirões inteiros de sobrados coloniais, de cujas soteas os avós dos Rios Brancos e dos Ruis Barbosas, espivavam contentes a chegada dos brigos do Reino...

Felizmente, porém, o Departamento Nacional de Monumentos ainda está salvando muita coisa...

A sua ação, entretanto, parece ter vindo retardada de mais de 50 anos.

O Baiano na sua ânsia de modernizar-se não tem mãos a medir na destruição.

Sente-se mesmo que vem dêle apóio integral à remodelação.

Custa a crer-se em certos detalhes impressionantes.

Parece-me que o amor do passado não se estende nêle às coisas materiais.

A genialidade que êle admira é a dos grandes oradores e dos grandes estadistas: Rio Branco, Cezar Zama, Rui Barbosa, Castro Alves, figuras que empolgaram, antes de tudo, pela retórica, pelos surtos condoreiros da imaginação:

"Faz dos Andes travesseiros.
Do firmamento lençol"

A tradição afro-brasileira é para ela qualquer coisa de algo humilhante.

E, em parte tem razão:

O espírito radiofônico achincalhou tudo.

Levou para o cabaré motivos que seriam ótimos para canções de ninar e rapsódias nacionais.

Em vez de construir-se sôbre temas, estilizando-os e enobrecendo-se-lhes a música de origem, deturparam-se os motivos...

E os balangandans — simbolo, apenas, da mulher não virgem — passaram a ter sentido quasi imoral...

E a reação não se fez.

Nem um Portinari na Baía para fixar modernamente nas suas telas aqueles cenários únicos no mundo!

Nem um poeta, como Manoel Bandeira, para fazer a poesia cotidiana daquela vida simples e feliz!

Nem um crítico como Mário de Andrade para orientar o espírito la mocidade.

Nidra.

Apenas a voz do grande Chiachio clamando no deserto pelos gênios retardatários.

Gênios retardatários, mas que não desaparecem, em fim...

Não tive tempo de entrar em contacto com o meio intelectual da Baía.

Somente as pressas fiz uma visita a "Ala de Letras", onde pontifica, integralmente de acôrdo com meus pensamentos, o vulto genuinamente baiano do Carlos Chiachio.

Caraça de "figura de prôa" das barcaças do alto S. Francisco. Nos cantos da boca os sulcos profundos característicos da bondade...

Contudo, vi alguns tipos que amam a Baía tradicional: Valadares, Godofredo Filho, e meu amigo Tourinho, do Departamento das Municipalidades, batenlo nos peitos para arrancar mais forte a voz dos pulmões:

— Eu tenho 4 séculos de vida baiana, pois o primeiro Tourinho acompanhou Tomé de Souza e tomou parte no preiamento de Aimorés!

Os dois irmãos médicos: Antônio e Lauro Lustosa Aragão!

Turma que há de impôr ao visitante o respeito devido por aquele ambiente de tantas coisas nobres e monumentais, obrigando-o a entrar de chapéu na mão naquele cenário prestigiado por 4 séculos de boas tradições...

A luta vai ser cruel, pois, mais terrível que o espírito radiofônico, outro inimigo do tradicional e do característico se aproxima mais impiedoso e cruel:

— Do alto do elevador contemplo ao longe as tôrres metálicas do Petróleo do Lobato, soprando nuvens de fumaça que tornam carrancudo o céu...

— Petróleo do Lobato — EXÚ!

— Exú tirili...

Para-bêbê

Tirili...

Lônão..."

— Misericórdia, Senhor Deus!

CORTUME "SÃO JOÃO"

Compras de Péles e Couros

Souza & Irmãos

Casa Matriz - Av. São João, 226 - Caruarú

Filial - Rua Padre Muniz, 206 - Teleg.: "SOUÃOS"

Caixa Postal 232 -- Telefone: 6714

RECIFE - PERNAMBUCO

Filial em Baía, Rua do Pilar, 62

C. Postal 302 - End. Tel. 'SOUÃOS'

CORTIDORES E

Exportadores de péles, couros, lã de carneiro, cabelo de boi e de cabra, cêra de abêlha, etc.

V. Excia. quer vestir, quer calçar?

Compre em qualquer parte.

CALÇAR COM ELEGANCIA SÓ NA

CASA MAUA'

Rua do Livramento -- Recife

MANTEIGA

PEIXE

É a rainha das manteigas.

Usá-la é preferí-la por toda vida.

DEPOSITO:

Rua das Calçadas 70

Fone 6718

RECIFE

**TECELAGEM DE SEDA E DE ALGODÃO
DE PERNAMBUCO S. A.**

(RECIFE — PERNAMBUCO)

A criadora e iniciadora dos tecidos de CAROÁ em Pernambuco, confeccionados com o mais perfeito fio desta fibra, de renome nacional

BRIM DE CAROÁ — BRIM DE UACIMA
BRIM DE CARRAPICHO — ESTAMPADOS "DERBY"

Para ser bom é preciso ter a marca T. S. A. P. — Para ser bonito, é indispensável a marca T. S. A. P. — Para ser durável, é ainda necessário que tenha a marca T. S. A. P.

Por tudo isto, conclue-se que para vestir com elegância e distinção, só com os tecidos T. S. A. P., cujos padrões são modernizados e de CORES FIXAS

As peças estão marcadas na orela, com as iniciais da fábrica T. S. A. P.



JOALHARIA

KRAUSE

.Casa fundada m 1879

Jóias — |Brilhantes — Perolas —
Artigos para presentes — Eletro-
plate — Objétos de arte — Relo-

gios de ouro, prata e níquel.

RUA 1.º DE MARÇO

RECIFE

Filiais no PARÁ, MARANHÃO e RIO

MANOEL PEDRO DA CUNHA & Cia

Exportadores de Café, Algodão,

Mamona etc.

Rua de São João, 531 (Sobrado)

RECIFE

PERNAMBUCO

MOBILIÁRIO INTERIOR DA POESIA

(Conclusão)

Dama Virtude ajudada pela sua acompanhadora, a Dama Caridade que manobra o fóle. Alternadamente, o Licornio e o leão entream a tenda com uma pata, enquanto com a outra apresentam a auriflama, ou ainda conduzem placidamente os escudos e os estandartes.

DIFÍCIL PASSE DE MÁGICA

A Dama coloca em equilíbrio, sobre a fronte do Licornio, a sua vara sideral; em seguida o licornio, com as patas dianteiras pousadas nos joelhos da Dama, olha no espelho o belo passe de mágica.

IDADE -MODERNA

CINEMA — BALLETS RUSSOS E SUÊCOS

Cinema — libertação do real pelo irreal.

Desde os seus primeiros passos, o Cinema nos libertou do real pelo sonho e trouxe um novo sentido à fantasia pelo real; e pela "féerie" dos contrastes instantâneos, simultaneidade e ubiquidade, um sentido novo à poesia espacial.

Nascido há uns quarenta anos, o Cinema se tornou rapidamente uma fonte permanente de poesia, de tal modo rica que poderia constituir, por si só, um mobiliário interior de poesia.

"O regador regado"... "O Filho Pródigo", o "Conde de Monte Cristo"; "La Glue", Os mistérios de Nova York; "La Roue", Dom Juan de L'Herbier; o Gabinete do Dr. Caligari; Metropolis; O milagre dos Lóbos; O sangue de um Poeta, de Jean Cocteau; "Un Chien Andalou", filme surrealista; Alleluia; Verdes Pastagens; Anjo Azul; Em Busca do Ouro; O Círculo; Tempestade sobre a Ásia; "L'Opéra de Quat'Sous"; etc., etc., permanecerão para sempre em nossa imaginação, como um belo tapete mural, arrastando-nos simultaneamente a uma viagem misteriosa, como uma nuvem rosea diante de uma escada.

BALLETS RUSSOS: Pawlova, Nijinska, Kasarvina, Nijinsky, Massine, Fokine; Baskt, Roerich, Benoit, Larionow, Nathalie Gontcharova, Marie Laurencin, Derain, Matisse, Picasso, Survage, Chirico, Juan Gris, Pruna, Beauchamp, Utrillo, Ronauld, Strawinsky, Prokoffief, Debussy, Ravel, Eric Satie, Darius Milhaud, Serge Diaghlew.

Schérazade O Pássaro de Fogo, Petrouchka, "L'Après Midi d'un Faune", "Le Sacre du Printemps", "Jogos", O Deus Azul, Tamar, O Galo de Ouro, "Les Biches".

"La Boutique Fantasque", pintura de Derain, música de Rossini, dança de Massine.

"Parade", poema-ballet de Jean Cocteau, pintura animada de Picasso, música de Eric Satie.

O Trem Azul, poema de Jean Cocteau, cortina de Picasso, música de Darius Milhaud.

BALLETS SUÊCOS: Jean Boslin, Rolf de Maré.

El Greco, As Virgens Loucas, o Túmulo de Couprin, música de Ravel; Ibéria, música de Albeniz; Dansgille, Noites de São João. "Les Mariés de la Tour Eiffel", poema-ballet de Jean Cocteau.

O Homem e seu Desejo, poema-ballet de Paul Claudel, música de Darius Milhaud: mistério da noite na floresta brasileira. O impressionante Skating Rink, poema coreográfico de Canudo, décors e costumes de Fernand Léger, música de M. Honegger.

Os Ballets Russos e Suécos realizaram esta coisa admirável: a vida bela e caprichosa pela poesia.

Os ballets modernos, originários da Rússia e da Dinamarca conheceram o apogeu, associando-se à Escola de Paris, poetica, musical e plástica.

Os ballets modernos, tardiamente chegados a um mundo muito estandardizado, cêdo conheceram a desgraça das coisas perfeitas: a indiferença do grande público. O cinema pela sua possibilidade de projeção simultânea de um só filme em todas as salas do globo, iria atingir todas essas iniciativas complexas, pessoais e intelectivas.

SPORTS — T. S. F.

Os Dias Atlético, Football, Ginástica, Box, Luta, Esgrima, Tennis, Aviação, Natação, Polo, Pesos e Alteres, Corridas a pé, 110 metros-barreiras, Cross-Country, 1.500 metros, 10 quilometros, Maratona, etc. "SPORTS", "VIIIe. OLYMPIADE", poemas de Géo-Charles.

Por estas duas admiráveis coletâneas de poemas, "Sports" e "VIIIe. Olympiade", poemas de grande poesia espacial, vastos afrescos de imagens atmosféricas, em que a expressiva amplitude atinge em beleza o largo lirismo do teatro antigo, Géo-Charles é o primeiro poeta francês a introduzir os esportes na grande Poesia.

T. S. F.: Presença, ubiquidade. Poesia dos saltos no mistério das profundidades relativas. Cenário vivido, mais trágico do que o teatro antigo e mais humorístico do que os desfiles de circo pela poesia banal e publicitária dos slogans quotidianos.

É ainda no terreno das arêias movediças das ondas sonoras da T.S.F. que cabem a Géo-Charles belas iniciativas de poesia.

"Os Boxeurs", "A Corrida de 3.000 Quilometros", "Six jours", são peças radiofonicas de grande imbição de ondas poeticas. Ao lado dessas obras de criação, êle realizou a fantástica adaptação ao teatro radiofonico do "Escaravelho de Ouro" de Edgar Poe, tradução francesa de Charles Baudelaire — peça que obteve o prêmio do Grande Concurso de Adaptações do Teatro Radiofonico da Emissão do Estado Francês, em 1939 duas outras de suas adaptações: "Maitre Valentin", de Hauffmann e "Les Brigands" de Schiller, conheceram um sucesso igual.

QUADRICROMIA

QUADRICROMIA — reprodução perfeita das tonalidades pelo "truchement" de quatro côres.

Quatro côres, quatro elementos ou quaternário universal.

Quatro partes do corpo humano, quatro temperamentos.

Quatro Evangelhos, quatro pontos cardiais.

Quatro estações, quatro virtudes cardiais.

Quatro, símbolo do quadrado. Cubo sôbre o qual repousa a Poesia.

Hoje, a poesia, cada vez mais enriquecida no seu mobiliário, procura o seu poeta ou o seu Museu. Esperando, ela se abriga nas realizações efêmeras — que são certamente as mais duráveis — num rápido "trailer", sôbre os tablados dos saltimbancos, num campo de Football, no Circo, num microfone, entre os loucos ou num Congresso de Poesia.

(Tese apresentada ao Primeiro Congresso de Poesia do Recife, na sua primeira reunião, a 24-4-41, por Vicente do Rego Monteiro).

O CAFE' LIBERDADE

é um produto que se destaca pelo
seu bom gosto e fino paladar

Usá-lo é preferí-lo sempre.

Distribui ainda preciosísimos brindes

Sociedade de Moagens do Recife Limitada

Filial de OLINDA

BORBA & CIA.

Comram Algodão pelo melhor
preço da praça

Rua do Bom Jesús, 227 -- 1.º andar

RECIFE — PERNAMBUCO

"UPIRANGA"

Tintas - Esmaltes - Vernizes - Composições

Distribuidores

ALBINO SILVA & Cia Ltda.

Avenida Marquês de Olinda, 191

RECIFE

FONE 9272 - CAIXA POSTAL 167

USINA SANTA TEREZINHA

Água Preta - Pernambuco - Brasil

Produção 500.000 sacos de açúcar e 10 milhões de litros de álcool anidro

Grandeza, Eficiência, Luxo e capacidade são os requisitos essenciais das suas instalações

Orgulho da indústria açucareira do Brasil

Escritório no Recife - Rua do Brum, 61

Litografia - Fotolitografia - Tipografia -
Encadernação - Pautação

FUNDADO EM 1861

ESTABELECEMENTO
GRÁFICO

Drechsler & Cia.

Rua do Bom Jesus N.º 183

PERNAMBUCO

Caixa Postal 124

Endereço Telegrafico: "CERES"

Telefone N.º 9108

Códigos A B C 5.ª Edição e Ribeiro

PARA OPERAÇÕES BANCARIAS
CONSULTE A

CASA BANCARIA
MAGALHÃES FRANCO

Que tem correspondentes em todo
o Brasil e no estrangeiro

PEQUENO MEMENTO PARA OS ARTISTAS E POETAS

VICENTE DO REGO MONTEIRO

(Conclusão)

Da percepção dos sentimentos

Para obtermos uma idéia aproximada dos matizes dos sentimentos humanos, propomos o seguinte gráfico no qual a amizade será representada por um quadrado com traços repousantes horizontais. O ódio por traços agressivos verticais. O amor pelo cruzamento dos dois. O riso como o choro por linhas oblíquas em sentidos opostos, porém com a mesma inclinação. A alegria por um quadrado branco pontilhado símbolo de sua porosidade. E pela superposição de uns aos outros acharemos os valores dos sentimentos secundários.

*

Arte, poesia e revolução social

A Arte na acepção plástica e poética é uma promessa inatingível.

*

A Política uma promessa para atingir.

*

Todo artista na sua luta contra o "céu" acadêmico é objetivamente revolucionário.

*

Toda política pretende estabelecer uma fórmula ideal de governo. A fórmula achada estabelece imediatamente limites e fronteiras.

*

Para a Arte e a Poesia, a fórmula é a característica da cristalização.

*

Todas as tendências artísticas ou literárias enfeudadas às fórmulas políticas rapidamente se fossilizaram.

*

Para a política a fórmula é um ponto de partida.

*

Para a arte a fórmula é o ponto de parada.

*

Para o artista a fórmula é um "trompe l'œil", para o político o meio de enganar os outros.

*

Todo artista ou poeta deve, diariamente, bater o seu próprio "record".

*

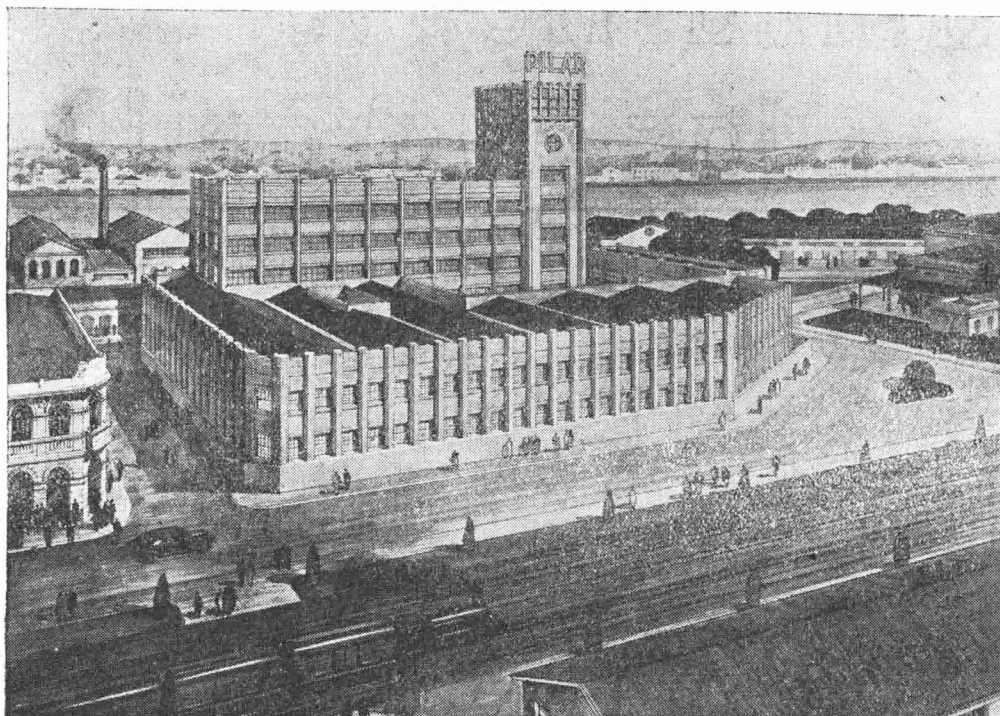
Todo "céu" estabelecido torna-se rapidamente um acadêmico perigoso.

*

Companhia Produtos Pilar S/A



Projeto em construção do novo e majestoso edificio da Companhia Pilar — A FÁBRICA DO PALÁCIO DE VIDRO — Os biscoitos PILAR são fabricados na maior e na mais moderna máquina da América do Sul.



A Fábrica do Palácio de Vidro

BANCO DO POVO S. A.

Instalado em 27 de Abril de 1920
Carta Patente n.º 1529 de 21 de Junho de 1937

CAPITAL DO BANCO	3.000.000\$000
CAPITAL INTEGRALISADO	3.000.000\$000
FUNDO DE RESERVA	550.000\$000
FUNDO PARA CONSTRUÇÕES E DEPREC. DE IMÓVEIS	75.000\$000
LUCROS SUSPENSOS	174.643\$800

DIRETORIA : Comendador Alfredo Alvares de Carvalho, Dr. Severino Marques de Queiroz Pinheiro, Afonso de Albuquerque, Antônio Gaspar Lagés e Antônio Martins do Eirado.
GERENTE — Miguel Gastão de Oliveira.

Escritórios nas cidades de Bezerros, Pesqueira e Alagôa de Baixo. — Filial na cidade de João Pessoa—Estado da Paraíba
O Banco se encarrega da cobrança de títulos em todas as praças do País.

Prefiram os deliciosos cigarros

“LENITA”

Ponta de cortiça
A nova marca da

Fábrica Lafayette

Usina Cachoeira Lisa

AÇUCAR,
GRANFINA,
AMORFO
e CRISTAL

Gameleira -- Pernambuco

“Diário da Manhã”, S.A. imprimiu

Rua do Imperador, 221 — Recife

Usina Nossa Senhora das Maravilhas

Propriedade da Companhia Açucareira de
Goiana

Produção: 150.000 sacos de açúcar e 1.500.000 litros de álcool

Endereço Telegráfico: PERILO
GOIANA - PERNAMBUCO - BRASIL

**Instalações Industriais
Procurem**

Brasilco Limitada

Fone - 9500

Caixa Postal 555

Recife - Pernambuco

Banco Comércio e Indústria de Pernambuco

Avenida Rio Branco N. 155 — Recife

Endereço Telegrafico: CASAFORTE — CAIXA POSTAL 444

Telefones: GERENCIA: 9024-9058 — GERAL: 9085

Faz todas as operações do ramo bancário, oferecendo as melhores taxas do mercado. Aceita depósitos em:

CONTAS CORRENTES DE MOVIMENTO — CONTAS CORRENTES LIMITADAS

Depósitos Populares:

(C/Especial de Pecúlio, juros de 6% limite 5:000\$000)

Depósitos a prazo fixo e pre-aviso, taxas especiais. Serviço eficiente de administração de bens;

Cobrança de alugueis, Juros de Apólices, etc.

Ordena pagamentos por via telegráfica, via aérea ou marítimas. Emite cheques sobre todas as praças do País

**Não se deixem
illudir!...
GAZOSAS?...
SÓ DE FRATELLI VITA**

PUBLICAREMOS NO PRÓ-
XIMO NÚMERO

DESEJO, poema de Carlos
Monteiro.

OS RIOS NA HISTÓRIA CO-
LONIAL, Dalmo Belfort de
Matos.

QUATRO ANOS DE POE-
SIA, Antônio Girão Barroso.

O TRABALHO, MEIO OBRIGATÓRIO DE PROGRESSO,
Débora do Rego Monteiro.

ERRATA: —

Nas primeiras linhas da pág. 19,
leia-se "nos tempos do cinema
mudo", ao invés de falado.

ESTOU ENCANTADA COM A
MINHA NOVA REMINGTON



S. A. CASA PRATT

RECIPE



MELANCOLIA

Monteiro (V. do R.)